UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SITUAÇÕES DE AGRESSIVIDADE EM COMPETIÇÕES DE HANDEBOL

João Francisco Magno Ribas

45098/96

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

JOÃO FRANCISCO MAGNO RIBAS

SITUAÇÕES DE AGRESSIVIDADE EM COMPETIÇÕES DE HANDEBOL

Dissertação de mestrado apresentada

à Faculdade de Educação Física da

Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs

Campinas, 1995.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademir Demarco

Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira

Prof. Dr. Ruy Tornada Krebs
- orientador -

Dedico este trabalho à todas as pessoas que me incentivaram a trilhar este caminho de busca do conhecimento que citei anteriormente, em especial: a meus pais, **Francisco Ribas** e **Maria Myzia Magno Ribas**; irmãs, **Ana, Hélen, Myzia, Déborah e Mauren**; namorada, **Ana Albrecht**; e amigos: **Ruy, Jandyr e Paulo Nerys.**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF - UNICAMP

R 352s

Ribas, João Francisco Magno
Situações de agressividade em competições de handebol / João Francisco Magno Ribas. - - Campinas, SP : [s.n.], 1993.

Orientador: Ruy Jornada Krebs
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Handebol. 2. *Agressividade no esporte. 3. Competições (Esportes). I. Krebs, Ruy Jornada. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

RESUMO

SITUAÇÕES DE AGRESSÃO EM COMPETIÇÕES DE HANDEBOL

Autor: JOÃO FRANCISCO MAGNO RIBAS

Orientador: RUY JORNADA KREBS

O presente estudo teve como principal objetivo, investigar a forma com que a agressividade se manifesta e, identificar os fatores estruturais desse esporte que caracterizam a conduta agressiva em competições de handebol. Os sujeitos deste estudo foram atletas de handebol, do sexo masculino, que participaram das seguintes competições: Taça Brasil de Handebol e Campeonato Gaúcho de handebol. Para contruir os instrumentos deste estudo, um questionário e uma matriz de observação sistemática, foi necessário realizar um estudo piloto. Todos os jogos foram filmados com uma câmera betamovie, seis da Taça Brasil de Handebol e seis do Campeonato Gaúcho de Handebol, e em seguida analisados. As variáveis investigadas foram: territorialidade, fases do jogo, tipos de agressão, função dos atletas envolvidos, região da quadra e escore.

Após a análise dos resultados conclui-se que: (1) há evidências de que a estrutura do jogo de handebol favorece a agressividade pela disputa de território; (2) os comportamentos agressivos no jogo de handebol são mais

frequentes em situações que oferecem perigo a gol; (3) algumas regiões da defesa parecem estar mais vulneráveis para estimular o comportamento agressivo; (4) há evidências de que o equilíbrio no escore eleva a ansiedade à níveis que favoreçam o ato agressivo, não ocorrendo o mesmo com o tempo de jogo; (5) o período do jogo parece não estimular o comportamento agressivo; (6) os comportamentos agressivos mais evidenciados no jogo de handebol são: empurrar, segurar e bater.

Palavras chaves: 1. Handebol; 2. Agressividade no esporte; 3. Competições (esporte).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Autor: **João Francisco Magno Ribas**
Orientador: **Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs**
Título: Situações de Agressividade em competições de handebol.
Dissertação de Mestrado em Educação Física
Campinas, 17 de dezembro de 1993.

ABSTRACT

SITUATION OF AGGRESSION IN HANDBALL CHAMPIONSHIP

Author: Jo&o Francisco Magno Ribas

Adviser: Dr. Ruy Jornada Krebs

The main purpose of this study was to investigate the way that aggression appears, and to identify the structural factors of this sport related to aggressive behavior in team handball competition. The subjects of the study were team handball male ahtletes of two competions: Brazilian Handball Cup and Gaucho Handball Cup. To construct the instruments for this investigation, a pilot study was necessary. Through the pilot study, a questionnaire and a matrix for systematic observation were designed. All the games were recorded with a betamovie camera, six from the Brazilian Handball Cup an six from the Gaucho Handball Cup. The variables investigated were: territory, phase of the game, type of aggression, the function of each player, the region of the court, and score of the game.

After the analysis of the data it was conclud that: (1) there are evidences that the structure of team handball game stimulates aggressive behavior regarding territory; (2) the aggressive behavior seams to be more

frequent in treatning situations; (3) some defense zones seams to be more vulnerable than others to stimulate aggressive behavior; (4) there are evidences that tied scores seams to increase the axiety level to the point to stimulate agressive behaviors; (5) the phase of the game seams to be not important to change the aggression level in the player's behavior; and (6) the most typical aggressive behavior in team handball seams to be push, hold, and beat.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PHYSICAL EDUCATION GRADUATE PROGRAM
Author: **Jo&o Francisco Magno Ribas**
Adviser: **Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs**
Title: Situation of aggression in handball championship.
Matership thesis in Physical Education.
Campinas, 17 de dezembro de 1993.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 05
FIGURA 02 16
FIGURA 03 37
FIGURA 04 47
FIGURA 05 51
FIGURA 06 52
FIGURA 07 54

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 68
TABELA 02 69
TABELA 03 70
TABELA 04 71
TABELA 05 71
TABELA 06 72
TABELA 07 72
TABELA 08 73
TABELA 09 74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 75
QUADRO 02 76
QUADRO 03 77
QUADRO 04 78
QUADRO 05 79
QUADRO 06 81
QUADRO 07 82
QUADRO 08 83

SUMARIO

1- INTRODUÇÃO 01
1.2- Objetivos 10
1.2.1- Objetivo Geral 10
1.2.2- Objetivos Específicos 10
2- REVISAO DE LITERATURA 11
2.1- Agressividade 13
2.1.1- Definições e categorias de agressividade 13
2.1.2- Teorias da Agressividade 18
2.1.2.1- Agressividade instintiva 18
2.1.2.2- Agressão como Frustração 22
2.1.2.3- Agressão como Aprendizagem Social 25
2.1.2.4- Aspecto catártico da Agressividade 28
2.2- Fatores que determinam a agressividade no esporte 32
2.2.1- Controles e redução da agressividade no esporte 40
2.3- Função tática e técnica do atleta de handebol 45
2.3.1- Ataque 45
2.3.2- Defesa 49
3- METODOLOGIA 58
3.1- População e Amostra 58
3.2- Instrumentos 59
3.3- Procedimentos 65
4- APRESENTAÇAO DOS RESULTADOS 67
5- DISCUSSAO DOS RESULTADOS 84

5.1- Territorialidade 84
5.2- Função tática dos atletas envolvidos 86
5.3- Região da quadra 94
5.4- Placar do jogo 95
5.5- Fases do jogo 98
5.6- Tipos de agressão 100
6- CONCLUSÕES E SUGESTÃO 103
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 107
ANEXO I 115
ANEXO II 117

1- INTRODUÇAO

O esporte tem levado à diversas pessoas de diferentes culturas, momentos de emoção e beleza. Todos parecem vibrar junto com os atletas no instante em que eles conseguem conquistar um novo recorde ou ainda, perante uma jogada bem sucedida onde o atleta possue um domínio de cada centímetro de seu corpo no instante em que proporciona cenas de auto-controle e habilidade nos movimentos. Muitos ainda se emocionam ao lembrar da Seleção Brasileira de Futebol que conquistou o tri-campeonato mundial sobre a regência, segundo a imprensa mundial, do melhor futebolista de todos os tempos, **Pelé**. Mais recentemente, teve-se a opurtunidade de presenciar o " Time dos Sonhos " (Seleção Americana de basquetebol), com os seus incríveis atletas voadores, vencendo todos os adversários que encontrou pela frente nas olimpíadas de Barcelona em 1992. Assim, direta ou indiretamente, o esporte tem sido um elemento do dia-a-dia da grande maioria das pessoas, compondo histórias e caracterizando culturas.

Infelizmente, o esporte não é composto apenas desses bons momentos. Observa-se em algumas modalidades esportivas, principalmente esportes coletivos que permitem

determinados tipos de contato físico (como por exemplo o futebol, basquetebol e handebol), que constantemente se deparam com um aspecto negativo, a agressividade. Esse problema tem sido abordado em diversos trabalhos da área de Psicologia do Esporte, onde pode-se destacar os seguintes autores: BALAGUE, 1981; CRATTY, 1984; TERRY & JACKSON, 1985; ROBERTS, 1986; SAMULSKI, 1992. Através da literatura pôde-se constatar que existem inúmeras formas de enfocar a agressividade. Alguns autores procuraram identificar se determinados esportes possuem um elemento catártico capaz de diminuir o comportamento agressivo (CATALDI JÚNIOR, 1980; CARRANZA, 1982; BENNETT, 1991), enquanto outros investigam a relação entre violência da torcida e agressão dos atletas (BOAVENTURA, 1989; SAMULSKI, 1992). Assim, normalmente as investigações estão voltadas para atletas, torcedores, e todas as pessoas que estão envolvidas na organização e divulgação de uma determinada modalidade. A agressividade poderá ser observada nos locais de competições (quadras e campos) e nas regiões onde estão concentrados os torcedores.

A agressividade poderá ser interpretada de diferentes formas se não for devidamente definida e delimitada. No presente trabalho será considerado o aspecto físico do ato agressivo, não importando assim a intencionalidade. Desta forma, se um atleta bateu no braço do outro, não será considerado a intencionalidade da ação,

mas sim, que um atleta foi prejudicado fisicamente por uma atitude que foge às regras do jogo de handebol.

A psicologia do esporte discute o problema da agressividade baseada nas seguintes teorias: instinto, frustração e aprendizagem social. De uma forma geral, a grande maioria dos pesquisadores da área tem aceitado que as três teorias tem influência no comportamento agressivo dos atletas (CRATTY, 1984; TERRY & JACKSON, 1985; SAMULSKI, 1992). No entanto, grande parte dos estudos, no entanto, parecem focalizar suas pesquisas no aspecto social da agressividade no esporte, partindo do princípio que, em determinados ambientes sociais, encontram-se diversos modelos de agressividade que poderão ser reproduzidos nas mais diversas situações sociais, neste caso, durante eventos esportivos (TERRY & JACKSON, 1985; SILVA III, 1980).

No Brasil, verifica-se que o número de modelos agressivos na sociedade pode ser mais frequente em determinadas realidades, como por exemplo, em grandes cidades que possuam um número muito elevado de pessoas ocupando um pequeno espaço, e que a miséria, o desemprego, a falta de estrutura social, favoreçam este tipo de comportamento, deixando assim, um modelo muito forte para todas as pessoas que pertencem a este meio. Todavia, acredita-se que a agressividade não pode ser atribuída somente a aprendizagem social porque, se assim fôsse, esse tema não seria discutido em países que fazem parte do

primeiro mundo, onde a violência social é mais "controlada".

O modelo teórico que norteia o presente estudo foi elaborado por TERRY & JACKSON(1985). Esses autores criaram um modelo conceitual da agressividade no esporte onde mostram como ocorre o processo da agressão dentro do esporte e ainda, apresentam soluções para a violência no esporte. De acordo com TERRY & JACKSON (1985) o ato agressivo no esporte é desencadeado a partir de uma predisposição, isto é, um indivíduo poderá possuir uma tendência a ser agressivo, ou estar passando por grandes frustrações, ou ainda, ter grande facilidade para assimilar e copiar modelos agressivos que estão presentes nos diversos ramos da sociedade. Esses fatores, agindo isoladamente ou combinados, somados a uma situação favorecedora provocará o comportamento agressivo em algumas modalidades esportivas. Estes autores acreditam que o processo de socialização é a principal solução para o problema da agressividade no esporte (fig. 1).

Com relação aos determinantes situacionais que favorecem a agressividade no esporte, BALAGUE(1981) apresenta uma proposta que complementa o trabalho de TERRY & JACKSON (1985). A autora buscou em seu estudo elaborar um caminho para investigar a agressividade no esporte através da observação, direta ou video tape, onde os dados caracterizam a situação em que ocorre a agressão. Esse momento corresponde a situação citada no modelo conceitual

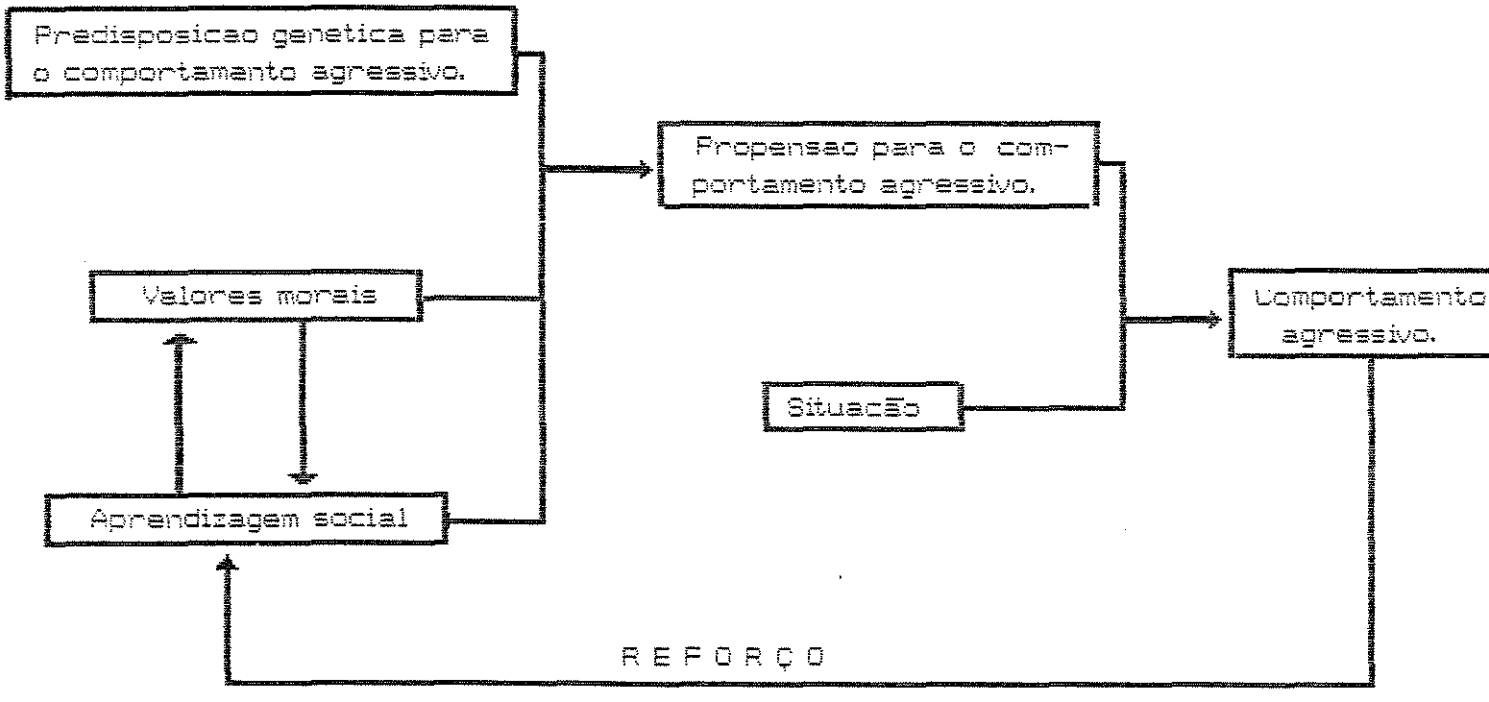


FIGURA 01 - Modelo Conceitual da Agressividade no Esporte (TERRY & JACKSON, 1989).

teórico de TERRY & JACKSON (1985). A mesma autora, baseada em uma consistente revisão de literatura, dividiu os determinantes situacionais da seguinte forma: fatores estruturais e fatores pessoais. Os fatores estruturais do esporte estão relacionados com as mais distintas situações, enquanto que os fatores pessoais se referem as pessoas diretamente envolvidas no meio desportivo e que poderão alterar a conduta agressiva, como por exemplo os árbitros e treinadores.

A agressividade não é um problema que atinge todas as modalidades esportivas. Conforme CRATTY (1984), o contato físico direto é um elemento facilitador para o surgimento da agressividade. Como exemplo, pode-se citar o futebol, basquetebol, futebol americano, lutas, rolerbol, entre outros esportes semelhantes a estes.

Na realidade brasileira, as modalidades esportivas, com essas caracterísiticas, que são mais praticadas e ensinadas nas escolas se resumem em três: futebol, basquetebol e handebol. Essas modalidades estão presentes na maioria dos currículos do curso de Educação Física, sendo as principais atividades ensinadas nas escolas de 1º e 2º graus. O futebol é o mais tradicional, e mais praticado atualmente. O basquetebol começou a ser divulgado após ter obtido excelentes colocações internacionais, ganhando assim, maior número de adeptos nas praças e ginásios. Já, o handebol não chega a ser um esporte

desconhecido por ser ensinado nas escolas de 1º e 2º graus, mas, é o menos praticado a nível nacional entre os três.

Conforme SILVA (1992), os estados que mais se destacam atualmente no cenário desportivo do handebol são: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Rio de Janeiro e Paraná, de acordo com os resultados das últimas competições nacionais. Ao constatar-se que o Rio Grande do Sul vem se destacando em âmbito nacional, e ainda, pela experiência que obteve-se nesta modalidade esportiva, tendo a oportunidade de participar em diversos eventos na região sul, escolheu-se as competições realizadas nesta região, à nível nacional e regional.

Para que se conheça a estrutura e organização de uma modalidade, é fundamental a participação ou o atento acompanhamento. Esse conhecimento deverá trazer maiores aprofundamentos e uma grande riqueza de informações necessária para uma consistente discussão. Assim, justifica-se a escolha desta modalidade porque no decorrer de dez anos pôde-se vivenciar este esporte em seus mais distintos niveis de prática, na função de atleta e treinador.

Durante os anos de prática do handebol percebeu-se que a agressividade, em determinadas situações, parecia compor o cenário desta modalidade. Eram momentos em que a sua beleza era substituída, principalmente, pela violência física. As punições pareciam não ser o suficiente para evitar comentários de expectadores, tais como: "QUE ESPORTE

MAIS VIOLENTO!" ; "SERA QUE EU ENTENDI DIREITO, QUEM BATE MAIS, GANHA?" ; "DO PESCOÇO PARA BAIXO E CANELA?"

Durante o curso de graduação em Educação Física, observou-se que os próprios colegas do curso, em alguns casos, já evitavam o contato com esta modalidade, afirmando que o handebol era um esporte violento. No entanto, muitos tiveram oportunidade de conhecer melhor o handebol através de eventos nacionais e internacionais que ocorriam em Santa Maria (RS), e que, na maioria das vezes, tinham o apoio do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Observou-se que, alguns alunos, após conhecer melhor o jogo de handebol, no mínimo conseguiram perceber esta modalidade como um esporte cheio de emoções e que a técnica e tática prevaleciam sobre qualquer estratégia de agressão. Com isso, percebeu-se que o caminho para a investigação estaria relacionado, principalmente, com os aspectos estruturais do jogo, conforme a classificação de BALAGUE(1981).

Com base na vivência desta modalidade, pode-se afirmar que a agressividade não caracteriza o jogo de handebol. No entanto, este tipo de comportamento compõe o cenário esportivo, tanto quanto nas modalidades que possuem características similares.

Partindo destes dados achou-se necessário buscar algumas informações a respeito da agressidade no handebol em competições oficiais da federação a fim de que os resultados

auxiliem os profissionais que trabalham com o handebol em todos os seus níveis de prática. Conforme BALAGUE (1981), os aspectos estruturais do esporte, buscam investigar situações particulares em cada modalidade esportiva, para que, partindo desses, chegue-se a uma caracterização dos momentos que poderão favorecer o ato agressivo no esporte. A partir deste problema que atinge esta modalidade e, baseado na estrutura teórica de investigação da agressividade no esporte, elaborada por BALAGUE (1981) e ainda, fundamentado no modelo teórico de TERRY & JACKSON (1985), chegou-se ao seguinte problema:

como se manifesta a agressividade no handebol e, quais os aspectos referentes à estrutura desta modalidade que poderão favorecer a conduta agressiva em competições?

1.2- **Objetivos**

O presente trabalho foi desenvolvido com os seguintes objetivos:

1.2.1- Objetivo geral

Investigar a forma com que a agressividade se manifesta em jogos competitivos de handebol-masculino e, identificar e discutir os fatores estruturais desse esporte que poderão favorecer a conduta agressiva em eventos organizados por federações.

1.2.2- Objetivos especificos

- identificar e descrever as formas mais comuns de manifestação física do comportamento Agressivo em jogadores de handebol;
- identificar e descrever a região, ou regiões, da quadra onde o comportamento agressivo é mais frequente;
- verificar se o equilíbrio ou o desequilíbrio no escore de uma partida de handebol poderá determinar momentos de maior agressividade neste esporte;
- verificar se a agressividade parte dos defensores ou atacantes;
- identificar e descrever quais as posições, tanto no ataque como na defesa, que poderão favorecer o comportamento agressivo no handebol.

2- REVISAO DE LITERATURA

A complexidade e a diversidade das teorias, é uma caracteristica presente neste tema. Com o intuito de situar melhor o assunto na revisão de literatura, organizou-se esta etapa obedecendo uma determinada ordem.

Em um primeiro momento, constatou-se a existência de três teorias da psicologia que embasavam as principais discussões a respeito da agressividade no esporte. Com isso, acredita-se que todo comportamento agressivo poderá ser investigado e debatido à partir das seguintes teorias: agressão como instinto, frustração como causa da agressão e a agressão como aprendizagem social. social. Então, a primeira etapa da revisão de literatura irá apresentar estas três teorias, mostrar as definições destes termos, assim como, as formas de agressão.

Partindo dessas três teorias da psicologia que tratam da agressão, diversos trabalhos vêm sendo realizados em diferentes modalidades esportivas (CRATTY,(1980); BALAGUE, (1981); TERRY & JACKSON, (1985) ; CARVALHO (1985); ...). Modelos teóricos aplicados ao esporte e os fatores que determinam a agressividade no esporte, serão contemplados na segunda etapa deste estudo.

O handebol aparece como centro deste estudo. Assim é necessário que se conheça e se aprofunde em algumas características desta modalidade para compreender melhor a manifestação deste tipo de comportamento. A última etapa da revisão será encerrada com a apresentação das características desta modalidade.

2.1- AGRESSIVIDADE

Este tópico será contemplado, inicialmente, com conceitos de agressividade de uma forma geral e, a seguir, será especificado para o esporte. Na sequência, os tipos de agressividade e as categorias de agressão no esporte serão apresentados. Por fim, as três teorias serão aprofundadas.

2.1.1- Definições e categorias de Agressividade

A agressividade, em geral, se não for muito bem esclarecida, poderá comprometer o andamento do trabalho, dificultando a compreensão do leitor, de seus conceitos e abrangências. Como exemplo, pode-se citar a experiência vivenciada na modalidade de handebol onde, muitas vezes presenciou-se técnicos falando para seus atletas para que esses sejam mais agressivos no ataque ou ainda, serem mais agressivos como defensores. No primeiro caso, entende-se que o técnico pede para seus atletas serem mais ousados e procurem o caminho do ataque mais frequentemente, enquanto que no segundo caso a defesa deverá tomar iniciativa e evitar que o adversário consiga obter êxito. Sabe-se que este tipo de linguagem poderá confundir o próprio atleta que, na sua forma de entender, poderá contribuir para um ato

agressivo. No entanto, o entendimento de agressividade para o presente estudo está delimitado da seguinte forma: momentos no esporte em que o atleta busca ferir o outro, intencionalmente. Segundo GABLER apud SAMULSKI(1992) a agressividade representa "uma disposição permanente (motivo) de uma pessoa para comportar-se numa determinada situação de forma agressiva (p.101)". O autor explica que esta forma agressiva caracteriza-se "... quando existe só a intenção e o desejo de prejudicar outra pessoa - independentemente da realização da ação agressiva e dos efeitos prejudiciais pretendidos(p.101)". BUSS (1975) possui uma definição semelhante onde, a agressão"é a ação de dar estímulos desagradáveis a outros, intencionalmente(p.13)". Assim, pode-se afirmar que um atleta é agressivo se este possui a determinação de prejudicar ou dar estímulos desagradáveis a outra pessoa.

Alguns autores como BUSS(1975), BALAGUE(1981) e SAMULSKI(1992) concordam que existem dois tipos de agressão quanto a intencionalidade, no entanto a terminologia utilizada difere. Para estes autores a agressão pode ser instrumental e por cólera, de acordo com BUSS(1975), ou instrumental e reativa, conforme BALAGUE(1981), ou ainda, instrumental e afetiva, segundo SAMULSKI(1992). A agressão instrumental é bem explicado por BUSS(1975) onde mostra que inicia a partir de uma competição ou pelo fato do reforçador desejado ser possuído por outra pessoa, neste

caso a intenção é de vencer a competição ou adquirir o reforçador. Na agressão por cólera ou reativa ou afetiva, a intenção é provocar sofrimento na vítima, é iniciada por qualquer estímulo que induza a cólera: insulto, ataque ou presença de elementos desagradáveis (BUSS, 1975). De acordo com SAMULSKI(1992), são situações em que a grande carga emocional provoca este tipo de comportamento.

O esporte possui um ambiente que propicia estes dois tipos de agressividade. Na instrumental, o esporte de alto nível é sinônimo de competição, isto é, quanto maior o nível em que é praticado, mais enfatizada será a competição. O outro tipo de agressão, cólera ou reativa ou afetiva, não importa tanto o nível em que é praticado. Muitas vezes pode-se observar um esporte de alto nível com um número de comportamentos agressivos inferiores aqueles encontrados em esportes escolares ou em outros ambientes. Segundo SAMULSKI(1992) "os processos de controle cognitivo são bloqueados e a pessoa reage de forma impulsiva, sem pensar nas consequências prejudiciais de seu comportamento (p.101)".

Antes de discutir e definir o que entende-se por agressividade pretende-se apresentar as diversas formas que este tipo de comportamento pode ser encontrado em um ambiente social. Os animais, segundo BUSS(1975), possuem um arsenal de armas relativamente limitado para agredir, como

por exemplo: morder, arranhar, abraçar, comprimir, golpear, chutar, escoicear, cuspir(gambá) e lançar espinhos (porco espinho). Entretanto, nos seres humanos o comportamento não está limitado a forma física. O autor apresenta três dicotomias do comportamento agressivo: físico-verbal; ativo-passivo; direto-indireto. Interando estas três categorias o autor consegue chegar a oito tipos de agressão. Pode-se observar na figura 2, onde está exemplificado cada tipo de agressão.

FIGURA 2- Tipos de agressão humana (BUSS, 1975, p.10)

	ATIVA		PASSIVA	
	DIRETA	INDIRETA	DIRETA	INDIRETA
FISICA	soco na vítima	piada de mau gosto	obstrução de passagem	recusar-se a realizar uma tarefa necessária
VERBAL	insultar a vítima	boatos maldosos	recusar-se a falar	recusar consentimanto oral ou escrito

Levantou-se uma questão com relação a agressão ativa-física-indireta, onde o autor dá como exemplo a agressão verbal de piada de mau gosto. Não foi possível de identificar a forma física de agressão em uma piada. Ficou

difícil de interpretar melhor porque o autor não executa nenhum comentário a respeito desta classificação, dificultando a compreensão desta questão.

No esporte, o conceito de agressividade se tornará muito mais complexo em determinadas situações. De acordo com CRATTY (1980) modalidades esportivas que possuem contato físico direto como o futebol, handebol, basquetebol, entre outros, se torna muito vago o conceito de agressividade, podendo ter diversas interpretações. Tomando o handebol como exemplo, temos uma situação que confunde, principalmente a arbitragem que é o momento em que o ponta infiltra pela extrema e atinge o goleiro no rosto com a bola. Pela lógica, como são adversários, pode-se pensar que o ponta tentou inibir a ação do goleiro através da agressão, no entanto, sabe-se que, até mesmo em treinos onde os seus colegas são os arremessadores, os goleiros são atingidos no rosto. Este é um exemplo dentre várias situações que, dificilmente poderá ser resolvida em um único trabalho.

Para cada modalidade esportiva esta definição específica certamente estará relacionada com a regra do jogo que é julgada pela arbitragem. Para o handebol, adotou-se , para fins de interpretação do ato agressivo, a definição contida na regra nº 8.13, que trata da postura do árbitro frente a um ato agressivo, na forma física. De acordo com SILVA(1992): " no caso de irregularidade na conduta para com o adversário cuja ação visa, prioritária ou exclusivamente,

ao adversário e não à bola, há que se punir progressivamente ...(regra nº 8.13, p. 18)".

2.1.2- Teorias da Agressividade

Inicialmente, será apresentada a teoria que parte do princípio que o comportamento agressivo do homem é instintivo. Segundo o etologista Lorenz, a agressividade está relacionado com o nosso antepassado, dentro da evolução do homem. Esta teoria também é defendida por Freud que acredita na existência de uma força destrutiva, orientada para a morte como característica do homem. Uma outra abordagem explica o ato agressivo como resultado da frustração. Por último, a teoria que está sustentada na aprendizagem de modelos sociais agressivos, encerrará esta discussão.

2.1.2.1 Agressividade Instintiva

Uma das formas de explicar o comportamento agressivo do ser humano é através de seu instinto. Os teóricos que defendem este tipo de abordagem afirmam que o ser humano tem uma predisposição genética para o comportamento agressivo. Os principais defensores dessa teoria são Sigmund Freud e Konrad Lorenz.

Freud, o fundador da psicanálise, foi um dos

primeiros a tentar explicar o comportamento agressivo do homem. Em 1932, Albert Einstein escreveu para Freud pedindo para que ele apresentasse o que a psicologia ou a psicanálise poderiam fazer para que se pudesse evitar futuras guerras. Porém, Freud foi pessimista e pouco conclusivo em sua resposta (FREUD, 1976). Assim, o fundador da psicanálise, apontou a agressividade como sendo inata do ser humano. Segundo SINGER (1975), a teoria de Freud parte do seguinte princípio: "... Toda a humanidade tem duas forças básicas de impulso, uma força de construção de vida ou erótica, e uma força destrutiva ou orientada para a morte..." (p.36). Freud apud CARVALHO(1985) denomina o instinto de morte, chamando-o de "Thanaton", e o de vida de "Eros". LAPLACHI & PONTALIS (1967) em uma discussão sobre a teoria da agressividade defendida por Freud, realizaram a seguinte afirmativa: "... é a parte da pulsão de morte voltado para o exterior, que Freud reserva a maioria das vezes o nome de pulsão de agressão(p. 40). " A pulsão de vida estaria ligada mais à sexualidade. Freud apud CARVALHO(1985) afirma que na psicanálise, a função da agressividade seria então a de permitir o abaixamento da tensão interior do indivíduo possibilitando um escape ao instinto de morte.

Para lidar com o impulso agressivo FREUD(1976), sugere a catarse. Isto significa que, para a pessoa diminuir o comportamento agressivo deveria ocupar-se de devaneios ou

pensamentos agressivos, ou se expressar através da arte ou da literatura, ou ainda a experiência de testemunhar violência representada ou humorística. Os pesquisadores que defendem este ponto da agressividade acreditam que a prática de desporto permite a liberação dos impulsos agressivos. CARVALHO (1985) afirma que:

> "...o desporto é mais uma forma grosseira de permitir a expressão da agressividade; ensina ao indivíduo o controle do seu comportamento guerreiro impondo-lhe regras ditadas pelas necessidades de eqüidade que deve respeitar mesmo perante estímulos tão poderosos como as provocações de um adversário (p. 69)".

Com isso, pode-se levantar um assunto que é muito discutido entre pesquisadores que é o aspécto catártico do esporte. Mais adiante este assunto será retomado e aprofundado em situações esportivas.

Já, a teoria defendida por Konrad Lorenz tem como base a biologia. Segundo MARGAGEE & HOKANSON(1976), Lorenz estudou o comportamento agressivo através do método etológico, isto é, estudando as diferenças e semelhanças no comportamento agressivo de muitas espécies de animais. A principal preocupação do etologista é a agressão intra-específica, neste caso, entre a espécie humana, e Lorenz ressalta que: "o rápido desenvolvimento tecnológico do homem superou a evolução mais lenta das inibições inatas contra a expressão de sua instigação agressiva". Segundo

BALAGUE(1981), Lorenz preocupou-se com as funções que desempenham estes impulsos, que são os seguintes: (1) a relação do mais forte para a perpetuação da espécie; (2) a distribuição uniforme do espaço vital disponivel; (3) formação de uma ordem hierárquica que dá ao grupo uma estrutura firme. Segundo Lorenz apud CARVALHO (1985), este tipo de adaptação é algo positivo para a espécie humana.

Uma das criticas feitas ao trabalho de Lorenz é justamente por ele ser um etologista. MONTAGU(1976), afirma que o fato de Lorenz ser um grande observador de animais não explica que ele seja um bom observador da espécie humana.

O instinto agressivo é facilmente detectado dentro de um grupo de desportistas. E tão comum em uma equipe esportiva (principalmente, esporte de contato fisico direto) surgir um elemento que se caracterize por ser mais "agressivo", onde os próprios colegas de equipe conseguem identificar. Em alguns casos pode-se afirmar que esse atleta "agressivo" é apenas um indivíduo grande e forte que possue pouca habilidade para jogar, motivo pelo qual, em determinadas situações, machuca o seu adversário mas não em um ato intencional. No entanto, em outros casos, realmente pode-se encontrar elementos que visam ferir e machucar o seu adversário e, muitas vezes, sem motivo algum. E exatamente nesta situação que observa-se que existem indivíduos que são mais agressivos do que os outros, em alguns casos, a necessidade é grande de agredir o

adversário. Se o ambiente em que este atleta vive não favorece a agressão, e ainda, prováveis frustrações não parecem provocar estes atos, pode-se concluir que certos atletas possuem instintos agressivos mais fortes e evidentes do que a maioria.

2.1.2.2- Agressão como Frustração

Esta abordagem, segundo MAGARGEE & HOKANSON(1976), foi criada por um grupo de pesquisadores da Universidade de Yale, no fim da década de 1930, que foi liderado por Dollard. Segundo DOLLARD et all(1976), o postulado básico desta teoria é "...a ocorrência de um comportamento agressivo sempre pressupõe a existência de frustração e, inversamente, que a existência da frustração sempre leva a alguma forma de agressão" (p. 28). Estes autores ainda afirmam que todos nós sempre aprendemos a controlar e suprimir este comportamento agressivo, porém, essas tendências não são anuladas ou destruídas, são apenas canalizadas para outros objetos. Berkowitz (apud SINGER, 1975) especifica mais afirmando que a frustração não é determinada pela privação das necessidades básicas como alimentção, mas sim, o bloqueio dos objetivos dos indivíduos. Sendo assim, a frustração de objetivos tem maior

probabilidade de levar a ação agressiva. DOLLARD et all(1976), ainda estabelecem uma relação entre instigação e inibição. O autor afirma que a força de instigação (estímulo ao comportamento agressivo) varia diretamente com a quantidade de frustração, enquanto que " ...a força da inibição de qualquer ato de agressão varia positivamente com a quantidade de castigo como consequência desse ato "(p.34).

De acordo com CARVALHO(1985), os autores que defendem a teoria da Agressão-frustração concluem que a origem da agressão "...não é determinante inata mas imprecisa da natureza humana; é uma situação especifica de estímulo resposta em que a frustração é a origem do fenômeno... (p.70)". O autor explica que a frustração limita-se, no fundo, a criar ambiente propício à agressividade em lugar de se manifestar como origem específica e, por outro lado, a agressividade não parece originária do instinto de agressão identificado mas desenvolvendo-se de forma ilimitada ao longo da existência do indivíduo e dependente das suas características.

SHILLING apud CARVALHO, 1988) concluiu em seu trabalho que as equipes mais fracas recorrem com maior frequência ao comportamento agressivo mostrando assim, uma correlação existente entre o comportamento e as condições em que ele se expressa, e a variação que a relação frustração-agressividade sofre em função dos fatores ambientais. As

principais criticas que esta teoria recebe estão relacionados com à forma com que é explicado o comportamento agressivo no homem que se limita a atribuir a agressão como uma resposta a frustração, deixando de lado o fator genético e a aprendizagem social. Não existe nenhuma explicação quanto a natureza, origem e intensidade do mecanismo acionado, passando assim uma idéia vaga com relação a ação geradora da agressão na qual se desconhece o significado deste comportamento.

No esporte, pode-se afirmar que quanto maior o nível em que é praticado maior a possibilidade de se deparar com situações de frustração. No alto nível existe um aspecto competitivo que começa dentro da própria equipe onde, a competição significa, vitória ou derrota. As diversas formas de derrota dentro de uma equipe (perder posição para um colega, perder uma partida, perder a disputa para um adversário, cometer um erro técnico, ...) poderão deixar o atleta frustrado e, se este não tiver um auto-domínio, poderá cometer um ato agressivo. Existe um agravamento no esporte profissional porque o aspecto financeiro poderá caracterizar ainda mais uma derrota, isto é, perdendo uma posição na equipe poderá acarretar uma perda no aspecto financeiro, provocando mais uma frustração para esse atleta.

VERPLANK apud FURIO & GIMENO(1989) define três grandes modalidades de frustração: frustração por demora;

BIBLIOTECA NACIONAL

frustração por impedimento e frustração por conflito. O autor explica que na frustração por demora é quando se impede ou demora para gratificar um organismo previamente condicionado, como por exemplo, um atleta que treina com dedicação para uma competição e ocorre um atraso ou adiamento desta. Já, na frustração por impedimento ocorre quando se interpõe entre a pessoa e o objeto um obstáculo que impede a produção da resposta, neste caso, a própria situação do defensor do handebol que impede que o atacante finalize a gol. Por fim, na frustração por conflito existe uma tensão causada pela disputa entre adversários como por exemplo, o jogo entre duas equipes poderá ser um fator responsável pela tensão da disputa em uma partida de handebol.

2.1.2.3- Agressão como aprendizagem Social

Essa teoria defende que o comportamento agressivo é determinado pelas caracterísiticas do meio em que o indivíduo vive assim, este comportamento é adquirido em função de um processo de aprendizagem que é delimitado e condicionado pelo ambiente .Segundo SINGER(1975), essa teoria da aprendizagem social, que foi elaborada por Bandura e Walters, está preocupada principalmente com a

aprendizagem da criança de modelos agressivos. BANDURA & WALTERS(1976) partem do princípio que o comportamento agressivo é aprendido porque existe um modelo, e a partir deste há um reforçamento positivo. Os autores ainda apresentam estudos interculturais e um trabalho de campo, que revelam hábitos culturais onde existem reforçamento direto de respostas agressivas (grupo Iatmul, caçadores de cabeça), ao contrário de grupos que acentuam o pacifismo como um estilo de vida(grupo huteristas) embora esta subcultura apresente severas e frustradoras pressões nas crianças. Resumindo essa teoria, pode-se formar uma criança agressiva se essa tiver um modelo de agressividade e este reforçado positivamente.

Bandura(apud BALAGUE, 1981), coloca que na sociedade moderna existem três fontes principais de conduta agressiva. A influência familiar (agressividade na família), influência subcultural (subcultura em que o sujeito se encontra inserido) e o modelamento simbólico (proporcionado pelos meios de comunicação).

No que diz respeito a influência familiar na aprendizagem da agressão pode-se perceber que, em determinadas famílias alguns tipos de formas físicas de agressão se tornam normais entre eles. Isso causará problemas no instante em que o indivíduo for conviver em outro ambiente, como por exemplo, uma equipe esportiva. Por maior que seja a adaptação deste indivíduo no grupo,

dificilmente ele consequirá abandonar o ato agressivo como forma de resolver os seus problemas.

A influência subcultural está caracterizada pelo bairro, vizinhança, condomínio ou grupos que convivem diariamente. Este tipo de influência possue o mecanismo semelhante àquele que é desencadeado no ambiente familiar. Cada grupo possue as suas normas que, por sua vez, está baseado em culturas diferentes. Em alguns casos, pode-se identificar grupos violentos, como por exemplo, as gangues de rua que destroem as cidades e arrumam brigas.

Já, no modelamento simbólico, proporcionado pelos meios de comunicação, verificou-se que os modelos partem, na maioria das vezes, da televisão onde são apresentados filmes, desenhos e notícias violentas. Os filmes, que possuem uma quantidade muito grande de atos agressivos, mesmo de forma cômica, poderão servir de modelos para os mais diversos tipos de agressão, principalmente para as crianças. São elas que também presenciam, na maioria das vezes, os desenhos violentos. Por mais engraçados que sejam, se trouxerem cenas que sublimem o ato agressivo, também poderão influenciar no comportamento. Com relação aos telejornais, de acordo com essa teoria, se não houver um posicionamento por parte da imprensa diante de atos violentos, ou ainda, se forem exploradas as imagens violentas, isso também servirá como modelo de agressividade.

No esporte, de forma empírica, isso pode ser

observado diante das diversas contradições que o atleta encontra dentro do esporte. Qualquer tipo de competição possui normas, regulamentos e regras que estabelecem o que é, e o que não é permitido dentro de cada modalidade. Entretanto, nem sempre existe um cumprimento total das regras e normas, onde observa-se atletas e treinadores burlando regras na qual, muitas vezes são enfatizados positivamente pelos meios de comunicação. Desta forma, no momento em que identifica-se que nas categorias adultas a agressão não é devidamente punida pela arbitragem e ainda, há uma ênfase dos meios de comunicação em lances de agressividade no esporte, começa a surgir um modelo de comportamento que possui um reforço positivo (arbitragem e meios de comunicação). Esse modelo poderá ser copiado pelos atletas das categorias inferiores visto que o êxito é comprovado junto aos atletas das categorias superiores.

2.1.2.4- Aspecto catártico da agressividade no esporte

Achou-se necessário a inclusão deste tópico em função de um grande número de questões que surgem a respeito da catarse em ambiente esportivo. Os pesquisadores que defendem esta teoria acreditam que a prática desportiva permite a liberação dos impulsos agressivos.

Almeida, em uma entrevista concedida a BOA FORMA(1980) apresentou uma pesquisa que revela que os atletas e as pessoas que praticam qualquer outro tipo de

atividade física frequentemente são menos agressivos que as pessoas que não praticam nenhum tipo de atividade sendo que, determinados tipos, como por exemplo as lutas, parecem reduzir ainda mais a agressividade. O autor ainda sugere aos atletas que canalizem a sua violência para a tarefa que está desempenhando, adquirindo assim, mais força para realizar as suas atividades.

CARRANZA(1982) realizou uma pesquisa buscando analisar a conduta agressiva relacionada com a atividade corporal. O estudo foi desenvolvido com 24 estudantes da Escola Superior de Educação Física de Barcelona. A autora constatou que atividades corporais gratificantes possuem um elemento catártico capaz de diminuir a agressividade. No entanto, outros autores não acreditam na hipótese de que a atividade física possui a função de canalizar a agressividade. A mesma questão foi discutida no trabalho de CATALDI JÚNIOR (1980) que iniciou o seu artigo com a seguinte pergunta: Será que o esporte funciona como um válvula de escape ou uma válvula de pressão para a agressividade? como conclusão do estudo o autor acredita que o esporte poderá causar o aumento do comportamento agressivo.

Já BENNETT(1991) é mais taxativo quanto aos esportes violentos, e afirma que existe uma irracionalidade por parte dos educadores ao acreditarem que a prática do futebol americano nas escolas, ou de qualquer outro esporte

agressivo, está justificada na teoria catártica da agressão. Na verdade, esses educadores estão contribuindo para o aumento do comportamento agressivo dos escolares, conclui o autor.

Assim, não existe um consenso entre os pesquisadores a respeito da atividade física como catarse de sentimentos hostis. No entanto, a partir dos trabalhos que foram discutidos pode-se perceber que a prática desportiva quando realizada com prazer, conforme os resultados apresentados por CARRANZA(1982), poderá canalizar os sentimentos hostis dos praticantes, não surtindo o mesmo efeito no momento em que o esporte não é adequado para determinadas faixas etárias. Por outro lado, conforme Almeida explica, pode-se orientar as pessoas que praticam esportes para canalizarem os seus sentimentos hostis para a tarefa que está realizando, procurando aumentar a concentração e adquirir maior força interior (BOA FORMA, 1988).

Após a apresentação desses trabalhos percebeu-se que, dependendo do tipo da modalidade esportiva, o esporte poderá diminuir os níveis de agressividade como por exemplo, atividades que apresentam as seguintes características: atividades físicas com vivências corporais gratificantes (CARRANZA, 1982); ou ainda, atividades físicas cooperativas inter-participante (LEITH, 1989). Por outro lado, há evidências de que determinadas atividades parecem obter o

efeito contrário quando praticado, principalmente, por crianças, conforme o trabalho realizado por BENNETT (1991) onde concluiu que o futebol americano parece deixar as crianças mais agressivas. Desta forma, acredita-se que o tipo de orientação que é dada pelas pessoas responsáveis pelo grupo (técnicos, dirigentes, preparadores, ...) constitui um elemento de suma importância para trabalhar a catarse em um ambiente esportivo.

2.2- FATORES QUE DETERMINAM A AGRESSIVIDADE NO ESPORTE

Atualmente observa-se um número muito grande de trabalhos que discutem os fatores que determinam a agressividade no esporte (BALAGUE, 1981; CRATTY, 1984; Neron apud CARVALHO, 1985; TERRY & JACKSON, 1985; FURIO & GIMENO, 1992; SAMULSKI, 1992). As abordagens são as mais diversas envolvendo desde as teorias gerais da psicologia até elementos específicos de cada esporte. Os trabalhos apresentados foram encontrados nos periódicos e livros em formas teóricas (listas de elementos específicos do esporte que contribuem para a agressividade), modelos teóricos (figuras que explicam a agressividade no esporte) e pesquisas (dados levantados de um ambiente esportivo que poderão embasar uma teoria). Nessa ordem, pretende-se apresentar as idéias, com relação a agressividade no esporte, dos autores da área.

CRATTY & PIGOTT (1984), propõe formas de ajustar e controlar a agressão do atleta. Para isso, eles fizeram um levantamento bibliográfico a fim de identificar as principais causas da agressividade no esporte. Foram enumerados os seguintes motivos:

> " ... (a) mudanças no nível de ativação tem provocado muita diferença. Geralmente, altos níveis de ativação, como resultado de exercícios, poderá contribuir para o aumento de tendências agressivas; (b) aborrecimento do indivíduo; (c) vários tipos de violência poderão trazer reações violentas; (d) experiências de agressão na infância aumentam as chances deste indivíduo ser agressivo nas fases seguintes...; ...(e) o tipo de exercício tem sido recentemente estudado como um preditor da agressão, principalmente nas categorias de esportes de contato físico direto e indireto...(p. 60)".

Os determinantes levantados por Cratty podem muito bem ser identificados dentro das teorias da agressividade. A aprendizagem social é responsável pelos aspectos **(c), (d) e (e)**, onde, modelos identificados em cenas violentas ou experiência deste tipo de comportamento são os principais determinantes. Já, com relação aos dois primeiros aspectos abordados pelo autor pode-se relacionar diretamente a teoria da frustração. No entanto, não é só o tipo de exercício que poderá interfirir no nível de ativação. Conforme CARVALHO (1985) outros aspectos inerentes ao tipo de exercício deixam o atleta com atenção excessiva voltada para o esporte: (1) o clima de ansiedade que rodeia o jogo (antes e durante e algumas vezes, mesmo, depois) e a excessiva chamada de atenção do público para a criança ou jovem que sobressai por qualquer motivo: normalmente trata-se a criança que manifestou uma habilidade particular como o

grande campeão (na maioria dos casos estas crianças são precoces, ou seja, atingem estágios de maturação mais avançados que os seus colegas mais rapidamente); (2) o ambiente de frustração provocado pela derrota mal compreendida ou pelo afastamento da equipe que é vivido como uma tragédia (especialmente pelos adultos acompanhantes); (3) a tensão psicológica introduzida na equipe pelos dirigentes, treinadores, acompanhantes (e aqui os pais têm, normalmente grande responsabilidade) que exigem a vitória a qualquer preço e fazem dela uma questão vital para o prestígio do clube ou dos próprios pais, treinadores, etc; (4) a grande emotividade que os clubes, a imprensa, etc., criam com frequência em torno de um jogo em que parece que se coloca o essencial da existência da comunidade; (5) a ansiedade e/ou a frustração criadas pela espectativa de recrutamento por uma grande equipe (quase sempre significa dinheiro ou bens materiais) e a introdução de valores, processos e forma de relacionamento que são caracterisiticas das equipes profissionais. Essa explicação dada por CARVALHO(1985) parece deixar bem claro que a ativação não é só provocada pelos exercícios, mas também por todos os processos psíquicos que compõe o momento em que o atleta está vivenciando.

BALAGUE (1981) baseada em diferentes investigações, estabeleceu alguns fatores, que em hipótese, afetam a conduta agressiva no esporte. Os fatores citados

pela autora se dividem em **estruturais**, relativos as distintas situações desportivas, e os **pessoais**, indicando os indivíduos diretamente implicados no meio desportivo e que podem alterar a conduta agressiva.

Os fatores estruturais são os seguintes: **(1)** diferença de pontos: maior diferença na pontuação produz uma maior probabilidade de agressão reativa entre os jogadores da equipe perdedora (por estar fora de alcance), e menor distância da pontuação produz maior probabilidade de agressão instrumental(por haver possibilidades de vitória); **(2)** jogar fora: A equipe visitante joga mais agressivamente do que a equipe da casa, por reagirem a hostilidade da torcida, ou por adotarem previamente, para atingir a torcida; jogo defensivo: uma das hipóteses é que a agressão é empregada de uma maneira instrumental por parte da defesa a fim de recuperar a posse de bola; **(3)** resultado da participação: os perdedores exibem maior quantidade de comportamentos agressivo do que os ganhadores, hipótese essa que pode ser explicada através da teoria da agressão-frustração; **(4)** grau de contato físico: quanto maior a frequência do contato físico maior é a possibilidade do desportista mostrar a conduta agressiva. Isso poderá ser explicado pela agressão-frustração, onde cada bloqueio de uma meta (falta, defesa do goleiro, ...), implicará em uma frustração por parte do atleta; **(5)** territorialidade: a agressão se produz quando o espaço ou território de um

sujeito é invadido por outro indivíduo assim, os defensores produzem um maior número de conduta agressiva que os atacantes. Os fatores pessoais que poderão alterar a conduta agressiva dos atletas são: **(1)** companheiros de equipe: o grupo poderá influenciar no comportamento agressivo do atleta; **(2)** árbitros: o árbitro tem por função identificar e punir a conduta que foge os limites e normas de cada esporte assim, se este não sancionar uma conduta agressiva a probabilidade que este fato possa se repetir, aumenta; **(3)** meios de informação: o simples fato de expor cenas violentas já favorece o aparecimento de novos modelos; **(4)** treinadores: o posicionamento que cada treinador possui com relação a agressividade no esporte; **(5)** pais e familiares: foi comprovado que a maioria dos pais tem um alto índice de aprovação para conduta violenta de jogadores; **(6)** Espectadores: aprovação do público.

Na figura 3 SAMULSKI(1992) apresenta os determinantes gerais e específicos da aconduta agressiva no esporte, de acordo com Pilz & Trebels. Os determinantes gerais são compostos pelas características do indivíduo (fator genético) e pelo ambiente que este está inserido (social, político, cultural, ecológico e os meios de comunicação). Esses elementos normalmente são aprofundados em suas áreas específicas, isto é, pode-se ter como exemplo o livro Violência Urbana onde os autores, PUTY, BARCELLOS & DANIEL (1982), abordam este tema com um enfoque sócio-

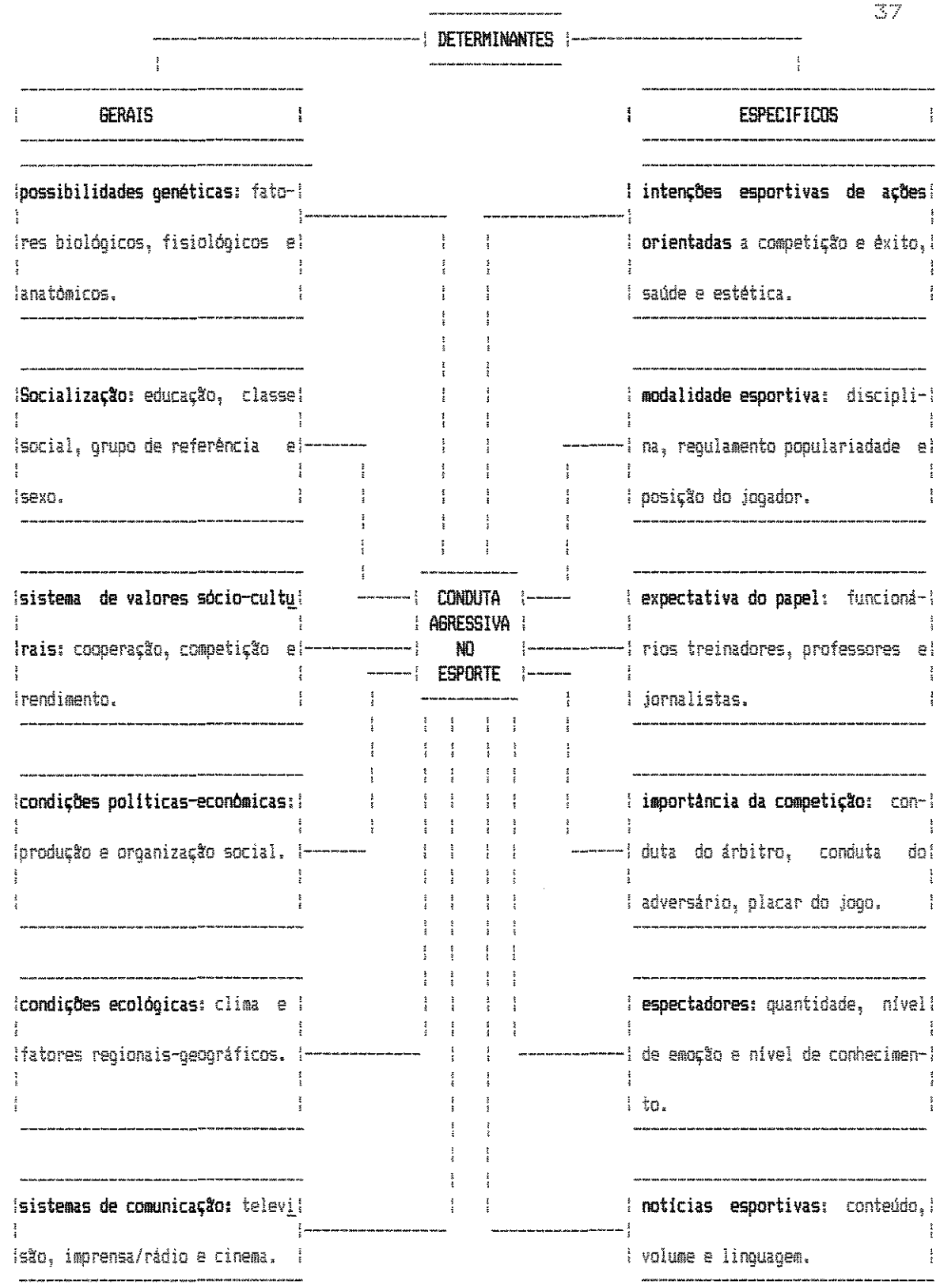


FIGURA 03: Determinantes gerais e específicos do comportamento agressivo no esporte (Filz & Trebels apud SAMULSKI, 1992: 104).

político do Brasil e que, certamente influenciará a violência nos campos e ginásios. Já, os determinantes especificos estão atrelados a estrutura do esporte desde os objetivos que os esporte se propõe até o conteúdo, o volume e a linguagem usada nas noticias esportivas.

Em certas modalidades, os fatores determinantes da agressividade do atleta já vem sendo discutido em alguns trabalhos (SMITH, 1980; Ingham apud CARVALHO, 1985). Em um estudo realizado com jogadores de hoquei no gelo SMITH(1980) buscou defender a idéia de que a violência neste esporte se deve a aprendizagem social. O autor conclui que existe uma grande aprovação do comportamento agressivo entre os companheiros de equipe, surgindo assim, um reforço para que esse comportamento seja copiado por outros atletas.

Resultados semelhantes foi encontrado por SAMULSKI (1992), que ao realizar estudos com equipes de esporte coletivo(handebol e futebol). O autor concluiu que a conduta agressiva no esporte da alto nível é aprendida e adquirida através dos processos de socialização onde, especialmente atletas mais jovens, em função da observação e imitação de níveis mais elevados.

Especialmente no futebol, Ingham apud CARVALHO(1985) relaciona os principais fatores que determinam a violência no futebol. O primeiro fator se refere a mutação verificada em todos os aspectos do jogo de futebol nos últimos vinte anos, principalmente, nas grandes

cifras que começaram a envolver nos últimos tempos, os jogadores de futebol e os chamados "cartolas". A influência de modelos agressivos através dos meios de comunicação foi o segundo aspecto levantado por Ingham. Segundo o autor, a exploração de cenas de violência sem que haja um posicionamento dos meios de comunicação, surge como um modelo de comportamento que poderá ser copiado por outros atletas. CARVALHO (1985) acrescenta que, na Europa a retransmissão excessiva do gol, a repetição das jogadas mais importantes imediatamente a sua realização acentuaram a visão artificial do jogo, enfatizando também uma visão guerreira do esporte. No Brasil, apesar de não ter pesquisas, acredita-se que exista uma semelhança nessa forma de mostrar um espetáculo de futebol que, somado ao vocabulário utilizado por alguns narradores, poderão aparecer como um modelo para outros atletas desta e de outras modalidades, conforme esse pressuposto teórico. Como exemplo, pode-se citar os termos utilizados por um narrador de televisão no jogo entre São Paulo e Flamengo, pela Taça Libertadores da América (1993): "batalha"; "guerra"; "inimigos".

O modelo de BAUMANN apud SAMULSKI(1992) mostra as diferentes formas de comportamento agressivo e os fatores e determinates que podem influenciar a agressão instrumental e afetiva. conforme o autor a agressão afetiva pode ser dirigida a outras pessoas e objetos ou a si mesmo (auto-

agressão). O nível de frustração, ansiedade e tolerância do atleta, influenciam de forma decisiva no surgimento da agressão afetiva. Já, a agressão instrumental se desenvolve através do processo de aprendizagem social e dependem das intenções e dos motivos de cada pessoa e da estrutura da modalidade.

2.2.1- Controle e redução do comportamento agressivo no esporte

Alguns pesquisadores da Psicologia do esporte apresentam propostas e orientações para o controle da agressividade no esporte. CRATTY (1984) oferece algumas sugestões para o controle da agressividade: antes da competição, deve-se analisar as condições que possam desencadear um excesso de hostilidade; diminui um pouco a ativação nos intervalos de jogo através de relaxamento; convencer os atletas de que os atos agressivos não influenciam no resultado do evento atlético; impedir que os atletas pensem num insulto do adversário; encontros com psicólogos clínicos e sociais antes de uma competição; contato entre os jogadores antes da competição; redirecionar os sentimentos hostis e negativos após uma derrota; em esportes de contato físico, pricipalmente, aqueles onde o contato legal é bastante ambíguo, para que haja autoridades que realmente punam a agressão; cuidar para que os jovens atletas não formem hábitos agressivos; compreender a relação

dos atletas com os pais através de uma boa autobiografia; o técnico deverá direcionar as energias e a agressividade, ao finalizar a carreira desportiva; advertir os reservas que entram nos jogos depois de presenciarem atos agressivos. Uma sugestão que parece não ter sido muito clara diz respeito a função do técnico como responsável para redirecionar energias e a agressividade de atletas que chegaram ao final de sua carreira. Acredita-se que um psicólogo poderia desempenhar melhor esta função.

Já BALAGUE(1981), propõe um sistema básico de controle da agressão com ênfase maior na estrutura do esporte, principalmente nos treinadores e dirigentes. O autor divide a proposta em quatro situações: (1) controle aversivo em jogadores e treinadores através de técnicas aversivas; (2) fazer com que os meios de comunicações, apresentem os atos agressivos de uma forma negativa; (3) oferecer a treinadores e pessoas ligadas ao esporte informações pertinentes a favorecer todas as alternativas para melhorar a conduta agressiva; (4) o apoio dos psicólogos do esporte ou profissionais preparados, podem auxiliar no controle da agressão no esporte.

TERRY & JACKSON (1985) acreditam que possa existir melhores resultados para diminuição da agressividade no esporte se houver um investimento nas forças de socialização, isto é, o reforço aversivo a agressão. Neste

caso, um dos grandes aliados seriam os meios de comunicação que deveriam diminuir esses modelos e se posicionar contra esse tipo de atitude dos atletas. Outra forma de conter a violência no esporte segundo os autores, seria diminuir a ênfase na vitória ou reduzir os número de contatos físicos e frustrações através das modificações de regras. Esse tipo de atitude é mais complexo mas, conforme a modalidade esportiva, poderá ser fundamental uma reforma na estrutura do esporte. (TERRY & JACKSON, 1985).

Já NOLTING apud SAMULSKI (1992), apresenta um outro caminho para combater o problema da agressividade de atletas no esporte. O autor relaciona uma série de medidas psicológicas que os treinadores poderão seguir e aplicar na sua equipe para diminuir as agressões. Nolting apresenta as seguintes medidas: **(1)** diminuir estímulos agressivos - redução de condições de frustrações em diferentes áreas da vida, redução de modelos agressivos e incentivos agressivos; **(2)** reavaliar os estímulos agressivos - dar menos importância aos estímulos agressivos, desenvolver um sistema equilibrado de valores, ter cuidado frente a modelos agressivos, esclarecimento e conscientização; **(3)** evitar condutas agressivas - rejeição da agressão no esporte de rendimento, desenvolver atitudes não agressivas (atitudes sociais e cooperativas); **(4)** aprender formas alternativas do comportamento - perceber e entender as próprias sensações agressivas; aprender técnicas de solucionar problemas e

conflitos, desenvolver competência pessoal e força de vontade.

Até o momento, todas as estratégias de controle apresentadas são aplicadas a qualquer tipo de situação no esporte. São medidas amplas que, independente do tipo de modalidade esportiva, as pessoas responsáveis pelas modalidades (treinadores, dirigentes e pais) poderão incorporá-las em sua equipe. No entanto, SAMULSKI (1992) recomenda algumas medidas pedagógicas e psicológicas para o futebol. As medidas de prevenção e controle são as seguintes: **(1)** Medidas Pedagógicas - reduzir a pressão de sucesso em atletas jovens, respeitar as regras esportivas, modificar algumas regras, conscientizar os treinadores sobre a importância dos valores humanos e dos princípios éticos, informar os esportistas sobre as causas e os efeitos do comportamento agressivo, melhorar a formação dos árbitros; **(2)** Medidas Orientadas aos Torcedores - trabalhar socialmente com os grupos agressivos e motivar os torcedores para atividades físicas; **(3)** medidas orientadas ao comportamento dos jogadores e dos árbitros - os jogadores deverão comportar-se como modelos positivos e, respeitar as regras esportivas assim como, a integridade física do adversário, enquanto que, os árbitros deverão sancionar todas as violações das regras; **(4)** Medidas Orientadas aos Meios de Comunicação - evitar sensacionalismo, dramatização e a linguagem de guerra dos eventos esportivos, assim como,

diminuir conceitos agressivos e violentos nos meios de comunicação.

2.3- FUNÇÃO TATICA E TECNICA DOS JOGADORES DE HANDEBOL

Na presente etapa pretende-se caracterizar os jogadores de handebol quanto a sua função técnica e tática, tanto na defesa como no ataque. A caracterização destes aspectos auxiliarão na discussão desta variável, ainda no instante que estes forem associados com as demais variáveis estruturais.

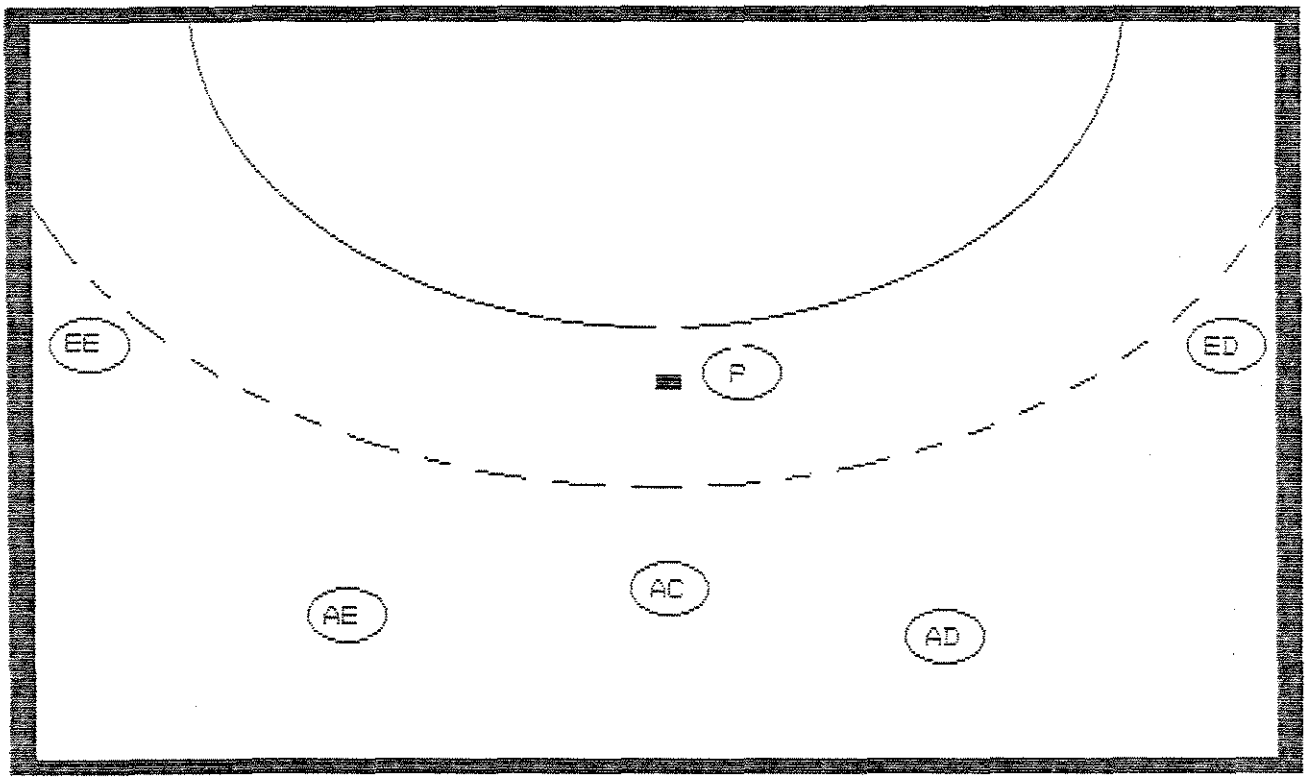
2.3.1- Ataque

O ataque no handebol, assim como em esportes com características semelhantes, não possue o significado de agressão, injúria ou termos semelhantes, conforme as definições nos principais dicionários da língua Portuguesa (FERNANDES, 1989; AURELIO, 1990), mas sim, caracteriza o momento em que uma equipe está com a posse de bola buscando ganhar espaço e um melhor posicionamento para realizar o gol. Existem duas formas básicas para atacar no jogo de handebol: contra-ataque e do ataque posicional. O contra-ataque tem como objetivo principal a evolução em velocidade para realizar o gol, antes que a defesa se organize em seu campo. Já, no ataque posicional os atacantes se distribuem de forma equilibrada para buscar formas de ter um bom

posicionamento para arremessar a gol. O ataque posicional mais utilizado entre as equipes do mundo inteiro é o 3 + 3 (figura 04), isto é, três jogadores que se posicionam na linha dos nove metros (armadores esquerdo, direito e central) e três jogadores próximos a linha dos seis metros (pontas esquerda e direita mais o pivô). Assim, pretende-se caracterizar as funções técnicas e táticas dos armadores, extremas e pivô.

Os armadores jogam normalmente próximo a linha dos nove metros na região central da quadra. As suas movimentações se limitam a arremessos longos, geralmente por cima da defesa e poucas infiltrações. De acordo com MARTINI (1980), esse jogadores devem ser altos e vigorosos, com arremessos potentes, e ter uma grande velocidade para deslocamentos curtos. O passe e recepção são fundamentos que deverão estar bem dominados, assim como, a aprendizagem de fintas. São os primeiros jogadores para assegurar o equilíbrio defensivo, isto é, pela posição em que se encontram no ataque, deverão ser os primeiros a retornarem à defesa para impedir o contra-ataque adversário. Quanto a função tática, serão esses atletas que tomarão a iniciativa e organizar a maiorias das jogadas.

Os extremas estão posicionados próximo a linha dos seis metros, rente a linha lateral da quadra. De acordo com MARTINI(1980) são jogadores que devem ser rápidos e possuir uma grande velocidade para realizar os contra-



LEGENDA

AE - Arremessador esquerdo
AC - Arremessador central
AD - Arremessador direito
EE - Extrema esquerda
ED - Extrema direita
P - Pivo

FIGURA 04 - Ataque Posicional

ataques, devendo também, saber infiltrar entre os marcadores. Conforme RIBAS (1990), um fator que dificultará a ação dos extremas é a diminuição do ângulo para a finalização. Assim, normalmente os extremas buscarão a infiltração com o intuito de conseguir um melhor ângulo para finalizar. Com isso, outra característica necessária para um ponta é uma boa impulsao vertical e horizontal porque, com isso, terá mais tempo para realizar um arremesso mais preciso. Nos últimos anos, os pontas tem revelado uma outra função tática no jogo, a circulação pela linha dos nove metros e o arremesso.

O pivô está posicionado junto a área dos seis metros, normalmente de costas para o gol e para o seu marcador. MARTINI (1980) acredita que o pivô deverá ser um atleta rápido e vigoroso para suportar a marcação continua e tangente ao corpo. Complementa aqui o autor, que a estatura não representa um papel tão importante como nas outras posições. A recepção e o arremesso são características técnicas que o pivô deverá possuir. A recepção deverá ser perfeita seguida da proteção que deverá ser executada com rapidez, antes que a defesa tente tirar a bola. Quanto ao arremesso, a potência nem sempre será o mais importante fundamento. O giro, o domínio dos arremessos em suspensão e queda, e ainda, a posição em que é efetuada a finalização (lado esquerdo, direito e central), faz com que o pivô dependa desses outros elementos para ter um bom arremesso.

As situações de pressão da defesa e do goleiro, muitas vezes deverão fazer com que o pivô apenas desvie a bola do goleiro, ou ainda, saltar (em distância) a fim de que busque um melhor ângulo para o arremesso. Assim, a qualidade do arremesso será uma das principais características do pivô. Conforme RIBAS (1990) as principais funções do pivô são: buscar espaços para se posicionar e bloquear os defensores, dificultando a movimentação da defesa. O bloqueio consiste em uma ação ofensiva onde o jogador se posiciona e se torna um obstáculo para a defesa a fim de impedir ou retardar a sua movimentação. Assim, o pivô estará sempre dificultando os deslocamentos laterais da defesa, e auxiliando as movimentações táticas ofensivas.

2.3.2- Defesa

Defender, no jogo de handebol, é o momento em que, sem a posse de bola, a equipe busca estratégias para evitar que o adverário fique em condições favoráveis para concluir a gol. Para isso, os defensores deverão estar organizados a fim de impedir que o adversário se aproxime dos seis metros e dificultar os arremessos de nove metros através de bloqueios. Assim, a defesa terá duas formas básicas de impedir o ataque. No primeiro caso, os marcadores poderão: usar o corpo para impedir que o ataque infiltre nos seis metros e, concomitantemente, com uma das mãos segurar o braço de arremesso e com a outra a cintura, pela frente do

atacante, no momento em que o atacante estiver preparado para o arremesso. A outra forma da defesa impedir a finalização é através do bloqueio do arremesso, isto é, com os braços o defensor tenta impedir a trajetória da bola até o gol (RIBAS, 1990).

Quanto a organização da defesa na quadra, existem diferentes formas de dispor os atletas na quadra de acordo com MARTINI (1980), BAYER (1987) e ROCA (s/d). Os sistemas mais utilizados são: 6 + 0, 5 + 1 e 3 + 2 + 1. A seguir, pretende-se dar uma idéia dessas formações.

A marcação 6 + 0 é formada por seis marcadores próximo a linha de seis metros, um ao lado do outro(fig.05). Este tipo de defesa é geralmente orientada de duas formas básicas: no primeiro os marcadores esperam o ataque em cima da linha dos nove metros, evitando assim que o adversário infiltre; no segundo caso, o marcador deverá se aproximar do seu correspondente quando este estiver com a bola, tentando evitar a sua aproximação na linha de seis metros. A principal vantagem deste sistema, conforme MARTINI (1980) é que dificulta a infiltração do adversário, mas, por outro lado, facilita a iniciativa do ataque para a realização de jogadas e, principalemnte, a finalização dos nove metros.

No sistema 5 + 1 (ver fig. 06) os defensores ficam dispostos da seguinte forma: cinco jogadores marcando próximo a linha dos seis metros e um jogador marcando mais adiantado protegendo a região central, próximo a linha dos

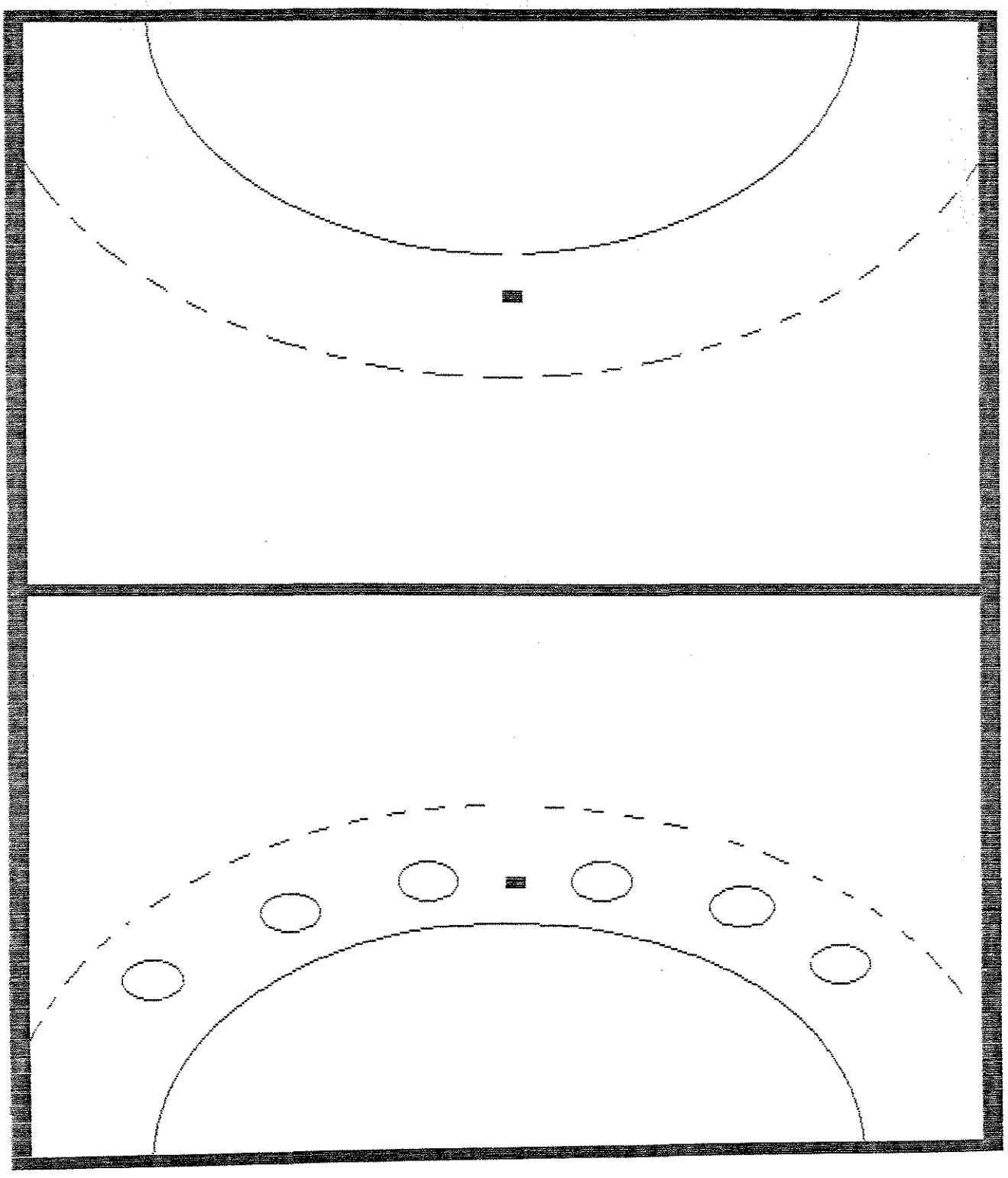


FIGURA 05 - Sistema Defensivo 6 + 0.

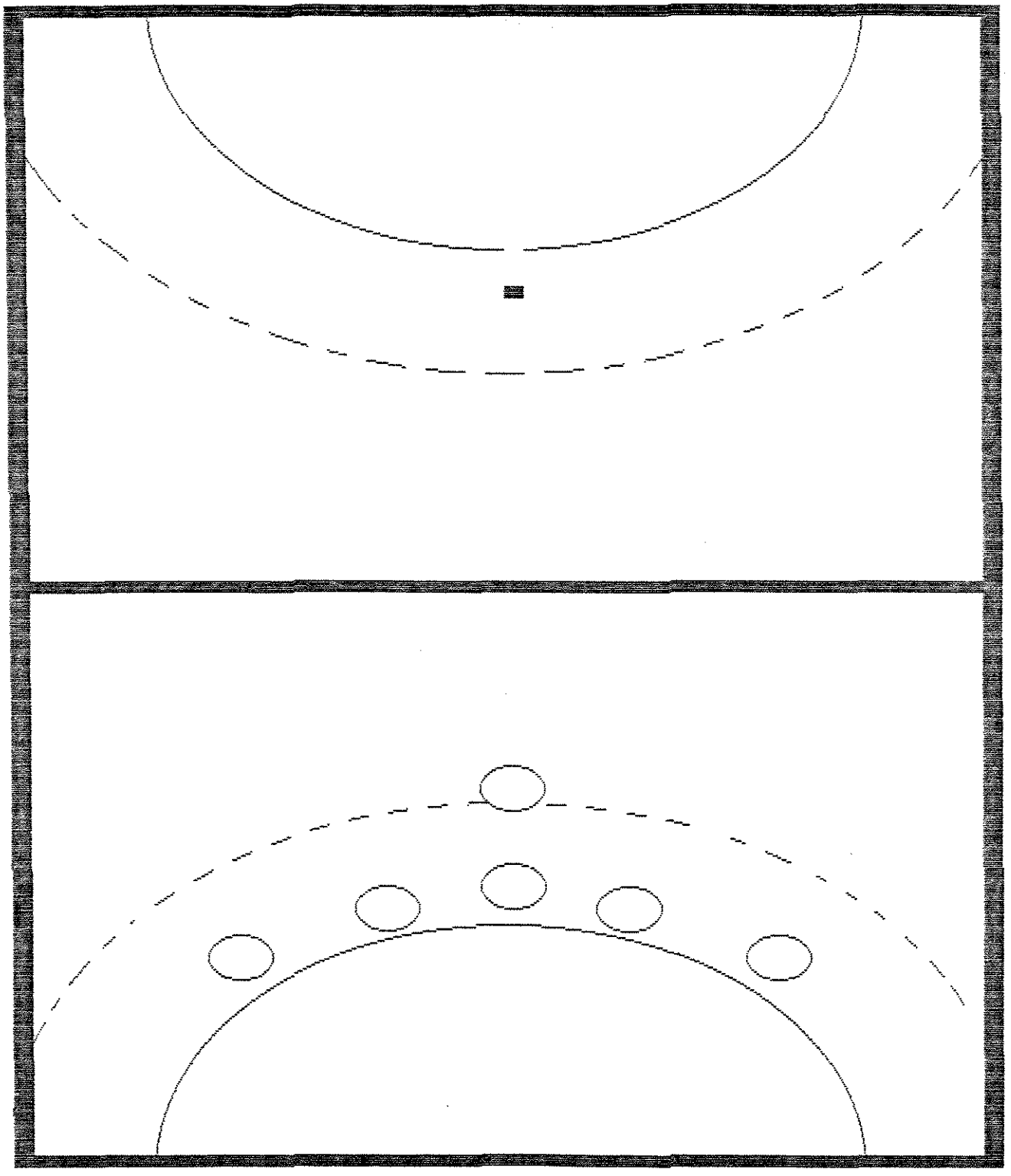


FIGURA 06 - Sistema defensivo 5 + 1.

nove metros, ou ainda, este jogador poderá marcar um jogador individualmente. A vantagem deste sistema, conforme MARTINI (1980) é que poderá proteger a região central dos chutes de meia distância, ou ainda, impedir a ação de um atacante que esteja levando perigo a meta. O problema é que este tipo de defesa provocará uma fragilidade entre os cinco marcadores, aumentando o espaço para marcação.

Por fim, na marcação 3 + 2 + 1 (fig. 07), os marcadores estão dispostos da seguinte forma: três marcadores marcando nos seis metros, dois nas pontas (um em cada) e um com o pivô; dois marcando um pouco antes da linha dos nove metros, na região central, um cobrindo o lado direito e o outro o lado esquerdo; e um marcando além da linha dos nove metros bem no centro. E um sistema que poderá ser muito eficiente quando empregado contra equipes que tenham bons arremessadores de nove metros, porém é necessário que haja um excelente condicionamento físico para manter essa forma de marcação até o final, assim como, um entrosamento entre os seus componentes devido a grande quantidade de trocas de posição (ROCA, s/d).

A seguir, serão caracterizados os marcadores em suas diversas posições. As posições que possuem características semelhantes de marcação deverão ser apresentadas no mesmo item, neste caso, os marcadores de extrema e marcadores de meio.

Os **marcadores de extrema** também podem ser

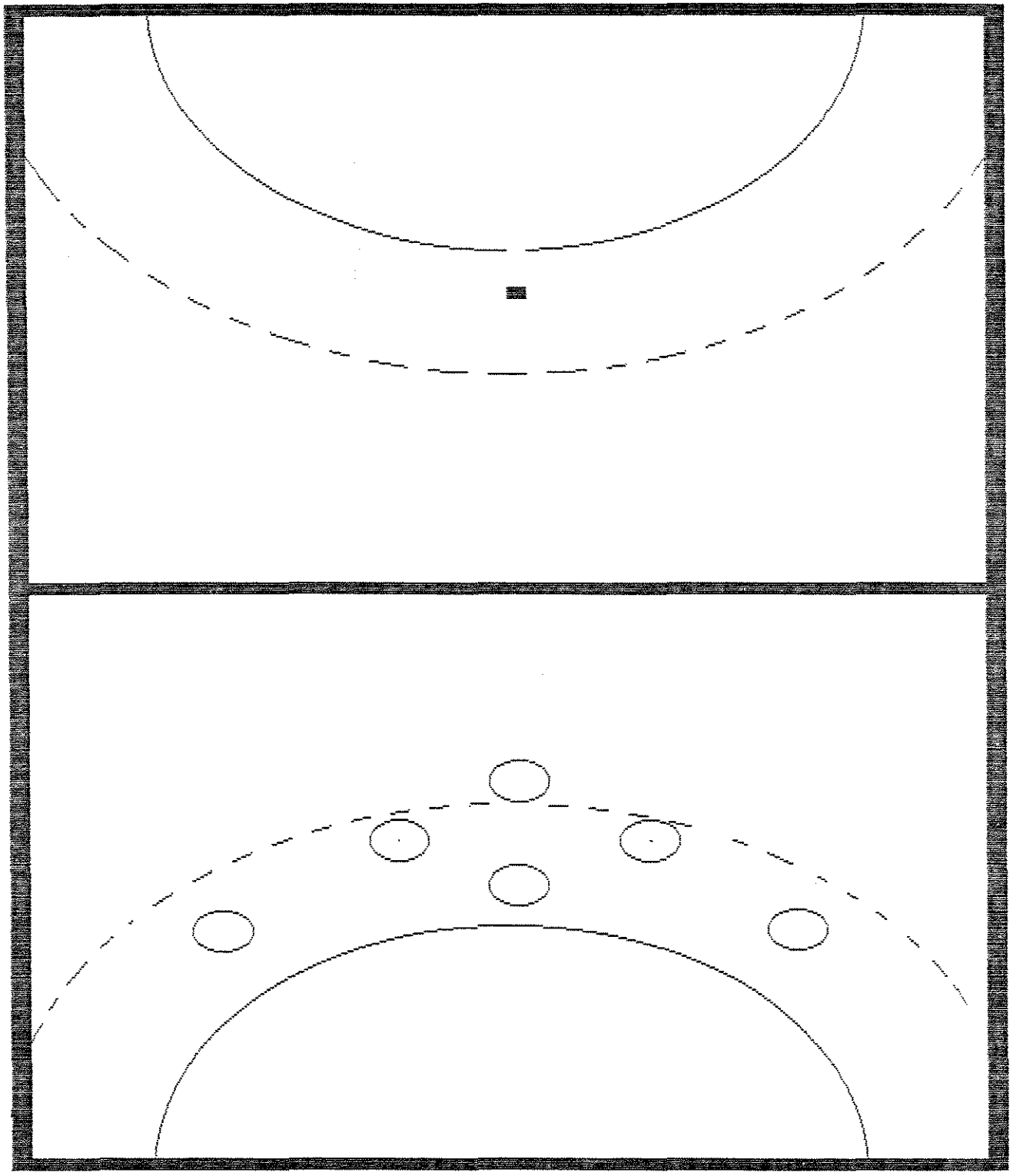


FIGURA 07 - Sistema defensivo 3 + 2 + 1.

chamados de primeiros marcadores, isto é, contando das extremas para o meio. Estes defensores levam um pouco de desvantagem em relação as outras posições porque sempre ele irá defender sem cobertura no lado direito ou no lado esquerdo, aumentando assim o espaço de atuação. Esta região da defesa fica mais difícil porque estes marcadores normalmente encontram adversários muito rápidos e fintadores. Assim, as principais preocupações dos marcadores de extrema são com fintas, cobertura para o segundo marcador e a entrada do extrema para o segundo pivô (BAYER, 1987; RIBAS, 1990).

Da mesma forma que os extremas, os **marcadores de meio** são justamente os segundos e terceiros componetentes de cada lado da defesa. Esta denominação é mais evidente no sistema 6+0 porque nesse sistema os componentes da defesa permanecem na mesma linha, caracterizando mais esta terminologia. Mas eles também podem ser vistos nos sistemas 5+1, sendo os três jogadores do meio, e no 3+2+1, sendo os dois marcadores da segunda linha. Esses marcadores estão posicionados na linha dos seis metros, estando bem caracterizado nos sistema 6+0 e 5+1. A suas funções consiste em: cobrir a área central para evitar o chute de meia distância e as infiltrações; marcar o pivo realizando constantes trocas; buscar o bloqueio dos chutes em sua região (MARTINI, 1980; BAYER, 1987).

Já, os **marcadores avançados** estão um pouco mais a

frente, próximo a linha de nove metros e, normalmente cobrem a região central da defesa. Esses defensores poderão ser identificados dentro dos seguintes sistemas: no 5+1, compondo a primeira linha, e no 3+2+1, também na primeira linha. As principais funções destes defensores são: evitar o arremesso na região central; interferir e diminuir a velocidade de movimentação da bola, aproximando-se mais do ataque adversário no momento em que a bola estiver circulando com velocidade; estar atento aos bloqueios e falsos bloqueios do pivô adversário; e ainda, se o sistema exigir, ele deverá auxiliar o seu companheiro mais próximo, dando-lhe cobertura (BAYER, 1987).

Os **marcadores de pivô** ficam bem caracterizados no sistema defensivo 3+2+1, onde poderão estar normalmente localizados na terceira linha, região central da defesa. O marcador de pivô deverá estar muito atento com as movimentações do pivô porque, nos sistemas em que a marcação do pivô é mais individual, o espaço para a marcação é muito grande. Por isso, frequentemente o marcador de pivô deverá avisar os seus companheiros dos bloqueios do pivô e, se for necessário, deverá cuidar as trocas de marcação e as coberturas (BAYER, 1987; RIBAS, 1990).

Por fim, o **marcador individual**, é aquele atleta que precisa cuidar apenas de um jogador adversário, acompanhando, de perto ou um pouco mais afastado, o deslocamento do seu adversário. É claro que o marcador

individual deverá apenas observá-lo de uma distância maior se este não levar perigo a área do gol (MARTINI, 1980).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho possue as características de uma pesquisa descritiva. Para isso, a observação sistemática com pré e pós categorias foi o método que auxiliou na descrição de eventos agressivos. A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos deste estudo. Inicialmente será feita a caracterização da população e amostra que foi pesquisada. Em seguida, todos os instrumentos que auxiliaram na coleta dos dados serão descritos. Os procedimentos de coleta dos dados encerrarão o presente capítulo.

3.1- População e Amostra

A população deste estudo foi formada por jogadores de handebol federados que participam de torneios de handebol da categoria adulto e juvenil. Para isso, utilizou-se uma amostra intencional formada por atletas do sexo masculino que participaram de dois torneios de handebol, nas categorias adulto e juvenil. O torneio da categoria adulta teve uma abrangência nacional e foi organizada pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), no período de 26 à 29 de setembro de 1992, em Santa Maria-RS, onde participaram as seguintes equipes: Chapecó (Chapecó-SC), Concórdia (Concórdia-SC), corinthians (Santa

Maria-RS), Olímpico (Maringá-PR) e Portuguesa (Recife-PE). Já, o torneio da categoria juvenil teve uma abrangência a nível estadual e foi organizada pela Federação Gaúcha de Handebol, nos dias 5 e 6 de dezembro de 1992, em Santa Maria (RS). Quatro equipes participaram deste torneio: Corinthians (Santa Maria), São João (Porto Alegre), Recreio da Juventude (Caxias do Sul) e Clube Ginástico (Novo Hamburgo).

3.2- Instrumentos

Para a identificação dos componentes estruturais que favorecem a agressividade no handebol foi realizada uma revisão de literatura. Assim, para o presente estudo chegou-se as seguintes variáveis estruturais: territorialidade, função tática dos jogadores envolvidos, diferença de pontos, região da quadra e tipos de comportamento agressivo. A seguir, cada variável será descrita.

TERRITORIALIDADE -> este aspecto está baseado na teoria instintiva, mais especificamente, na teoria do etologista Konrad Lorenz, onde afirma que um dos motivos natos da agressividade humana se deve a luta pelo seu território quando este é ameaçado por outros. Este autor faz uma analogia com esportes que possuam estratégias de ataque e defesa. O handebol possui estas características e pode-se afirmar, baseado na teoria de LORENZ(1966), que os comportamentos agressivos são realizados com maior frequência pelos defensores do que pelos atacantes, porque estes

percebem o seu território sendo ameaçado. Assim, observou-se o número de atos que foram cometidos pela defesa e pelo ataque, associando com as outras variáveis.

PERIODO DO JOGO -> este aspecto pretende identificar o momento do jogo em que o comportamento agressivo foi mais frequente. Para isso, dividiu-se cada etapa do jogo em três fases. Para cada etapa atribuiu-se os seguintes nomes: inicio, meio e fim. Esse aspecto poderá estar relacionado com a agressão instrumental citada por BALAGUE (1981), onde associa o inicio e o final de uma partida com este tema.

FUNÇÃO TATICA DOS JOGADORES ENVOLVIDOS -> este aspecto pretende identificar qual a função tática do agressor e agredido. Conforme SAMULSKI(1992), determinadas funções táticas, tanto no ataque como na defesa, poderão deixar o atleta mais predisposto à conduta agressiva. Pretende-se levantar uma discussão relacionando a função dos jogadores envolvidos no ato de agressividade com as suas características técnicas e a própria condição em que se encontrava no instante da agressão. Pode-se observar dois momentos distintos quanto a disposição dos jogadores em quadra. O primeiro é aquele onde existe um posicionamento tanto do ataque como da defesa, onde cada atleta possui uma posição definida. Na defesa, identificou-se as posições de 1º, 2º e 3º defensores, conforme a nomenclatura de GIACOMINI (1980). Já, no ataque, determinou-se as seguintes posições:

arremessador esquerdo (AR), arremessador direito(AD), arremessador central(AC), ponta direita(PD), ponta esquerda(PE) e pivô. A outra situação de jogo é caracterizada pelo contra-ataque, momento em que não existe um posicionamento nem do ataque e nem da defesa.

DIFERENÇA DE PONTOS -> o escore do jogo no momento da agressão poderá facilitar este tipo de comportamento. Em partidas desequilibradas onde a equipe que está em desvantagem é mais agressiva, a frustração por estar sendo derrotada poderá ser a principal explicação. O treinador é que deverá desenvolver este espírito desportivo em seus atletas conscientizando-os de que a derrota faz parte da competição ou ainda, ser realista e admitir que a sua equipe possui um nível técnico inferior a outra. No entanto, se a equipe que está em vantagem no placar for a mais agressiva, pode-se deduzir que o próprio comportamento seja o principal motivo da vantagem no placar e ainda, que a estrutura desta modalidade favorece as equipes que são mais agressivas. Em uma outra situação, em que o comportamento agressivo é mais frequente quando o escore de uma partida apresenta um equilíbrio, pode-se discutir a agressão instrumental, isto é, os jogadores estariam buscando a vitória através deste tipo de comportamento. Ainda nesta mesma situação pode-se explicar este fato através da associação que existe entre ansiedade, causada pelo equilíbrio no escore, e a

agressividade. Para fins de análise, dividiu-se a diferença no placar em 4 níveis. Em um primeiro nível, (empate ou diferença de até dois gols) pode-se perceber um grande equilíbrio na partida. No segundo (diferença de três até cinco gols) começa a haver uma certa vantagem para uma das equipes, mas é um escore que, no handebol, ainda pode ser recurepado em pouco tempo. No terceiro nível (diferença de seis até oito gols) já começa ficar difícil de recuperar no decorre do jogo. No quarto nível (diferença de 9 até 11 gols) já mostra uma certa superioridade que uma equipe exerce sobre a outra. E no último nível (mais de 12 gols), é um placar que mostra o desequilíbrio que existe entre as duas equipes.

REGIÃO DA QUADRA -> pretende-se identificar se existe alguma região da quadra que poderá favorecer este tipo de comportamento. Com o levantamento desses dados, pretende-se verificar o que poderia facilitar a agressividade em determinadas regiões. Esta discussão poderá ser enriquecida no instante em que for associada aos tipos de comportamento agressivo. As regiões da quadra que foram determinadas estão baseadas na nomenclatura de GIACOMINI(1980) e são as seguintes: zonas 1, 2 e 3 (lados esquerdo e direito) e região central.

TIPOS DE COMPORTAMENTO -> até o momento não se conhece os tipos de comportamentos agressivos mais frequentes nesta

modalidade esportiva. Para isso, elaborou-se um estudo piloto com os atletas que participaram desses eventos e chegou-se as seguintes categorias: empurrar, bater, segurar, obstruir com a perna, chutar e colidir. As categorias foram definidas da seguinte forma:

empurrar - deslocar outra pessoa com um movimento de extensão do(s) braço(s);

bater - atingir outra pessoa com qualquer parte do braço;

segurar - prender qualquer parte do corpo de outra pessoa flexionando os dedos, e/ou bracos, e/ou antebracos ao redor deste;

obstruir com a perna - impedir a passagem de alguém movimentando a perna na direção de sua trajetória, provocando o contato;

chutar - atingir alguém com o pé ou joelho com um movimento de extensão da perna;

colidir - ir de encontro a outra pessoa tocando com qualquer parte do corpo, modificando a sua trajetória.

Baseado nestas variáveis, elaborou-se um questionário para atletas e treinadores que participam destes eventos (Anexo 02). Este questionário foi constituído por 8 questões abertas. O principal objetivo deste foi montar, baseado no conhecimento das pessoas que vivenciam este esporte, as categorias de cada variável.

Os dados foram coletas com uma ficha de observação (anexo 01) onde foram montadas pré-categorias.

Esta ficha foi construída à partir das variáveis levantadas na revisão de literatura e suas categorias foram feitas com o auxílio dos questionários do estudo piloto (anexo 03).

Todos os jogos foram filmados com uma câmera Betamovie-Sony. Para descrever as situações de agressividade em competições de handebol, optou-se por um método que não interferisse na coleta de dados da pesquisa, neste caso, a observação direta. Este ponto de vista é defendido por McDAVID (1980). Conforme o autor, através desse tipo de observação pode-se conhecer importantes dados para a descrição de eventos. As críticas a este método ficam por conta da dificuldade de elaborar uma observação mais precisa, considerando diálogos. No entanto, para o presente estudo o método foi consirado eficiente após a realização do estudo piloto, onde constatou-se que a agressividade verbal não se apresenta como um comportamento frequente nesta modalidade. Assim, para a observação de agressividade física o método consegue atingir os objetivos propostos.

Para observar os jogos utilizou-se um vídeo-cassete VHS. Sempre que necessário, a reprodução dos jogos eram paradas e os lances repetidos. Para determinar o tempo exato de cado ato agressivo, obteve-se o auxílio de um cronômetro da marca Technos.

3.3- Procedimento de coleta dos Dados

A primeira etapa da coleta dos dados foi realizada durante a XII Taça Brasil de Handebol, categoria adulto, realizado no período de 26 à 29 de agosto de 1992, na cidade de Santa Maria (RS), no ginásio municipal. Nesta etapa, contou-se com a colaboração do Senhor Schmidth, que é técnico de filmagem da Universidade Federal de Santa Maria(RS). Durante a Competição efetuou-se a filmagem de seis dos oito jogos realizados. Não foi possível gravar dois jogos devido a um problema técnico de gravação. A outra filmagem foi realizada durante a segunda fase do Campeonato Gaúcho de Handebol, categoria juvenil, ocorrido no período de 4 à seis de novembro de 1992, no mesmo local em que ocorreu a Taça Brasil. Todas as partidas foram filmadas, totalizando seis partidas. As filmagens foram efetuadas por um grupo de pesquisadores da área de Crescimento e Desenvolvimento Humano do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria(RS), coordenado pela Doutoranda Prof. Maria Helena Ramalho e pelo pesquisador.

Após a gravação dos eventos, iniciou-se as observações destes em um vídeo-cassete. Todo comportamento agressivo identificado, conforme as pré-categorias, era registrado em uma ficha de observação (anexo 01) que exigia as seguintes informações: equipe do agressor, categorias do comportamento, tempo de jogo, região da quadra, escore do

jogo e posição dos atletas envolvidos. A ordem das observações foi aleatória, procurando evitar que o pesquisador desse maior atenção aos jogos que julgasse de maior interesse. Assim, na observação dos jogos da Taça Brasil seguiu-se a seguinte ordem: Corinthians X Portuguesa, Chapecó X Maringá, Concórdia X Portuguesa, Concórdia X Corinthians, Maringá X Portuguesa e Maringá X Concórdia. Nos jogos do Campeonato gaúcho observou-se a seguinte sequência: Recreio da Juventude X Ginástico, Corinthians X Recreio da Juventude, IPA X Ginástico, Corinthians X Ginástico, Caxias X IPA e Corinthians X IPA.

A distribuição de frequência foi o tratamento estatístico mais adequado para o presente estudo que possui, como meta principal, a descrição de variáveis. Assim, os dados foram tabulados com o número de comportamentos agressivos e sua respectiva frequência absoluta. A tabulação foi organizada em duas etapas. Na primeira, apresentou-se cada situação individualmente sob forma de tabela, onde consta a frequência de comportamentos observados e o percentual. Com isso, buscou-se visualizar a predominância de cada variável.

A outra forma de tabulação dos dados foi através de quadros onde foram apresentadas a distribuição conjunta das proporções (porcentagem e frequência) em relação ao total de duas variáveis. Neste caso, analisou-se o comportamento conjunto de duas variáveis a fim de compreender melhor os resultados.

4- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta etapa serão apresentados os dados que identificam as situações que caracterizam os comportamentos agressivos. Para isso, a maioria dos resultados serão ilustrados em tabelas e quadros. Em alguns casos, apenas os resultados serão mostrados, não necessitando de uma forma mais organizada para apresentar. Assim, a primeira etapa é composta pelos resultados que se refere a territorialidade que possue apenas dois níveis. Em seguida, as outras variáveis serão tabuladas separadamente, com as suas respectivas frequências junto com os seus percentuais. Por fim, mais de uma variável serão relacionadas e apresentadas através de quadros.

A territorialidade foi uma das variáveis que constatou-se um maior índice percentual em uma de suas categorias. Dos 260 comportamentos agressivos observados, os defensores foram responsáveis por 259, atingindo 99.62%, enquanto que o ataque agrediu apenas uma vez, 00.38%. Os resultados evidenciam que, na maioria dos casos a agressão parte dos defensores, sendo raros os casos em que a iniciativa parte dos atacantes.

A primeira tabela a ser apresentado se refere ao

período do jogo em que os comportamentos agressivos eram mais frequentes. Com relação ao tempo de jogo, constatou-se que existe um grande equilíbrio da frequência das agressões entre o primeiro e o segundo tempo do jogo, com 49.23% no primeiro tempo e 50.76% no segundo tempo. Dentro da divisão feita em cada período, notou-se que a agressão no início do primeiro tempo é sensivelmente mais frequente que nas outras etapas, 18.46%, diminuindo na metade, 15%, e aumentando no final da primeira etapa, 15.77%. No segundo tempo ocorre um equilíbrio no início e no meio, 16.15%, aumentando um pouco no final do jogo, 18.46%. De uma maneira geral, os resultados são bastante equilibrados, constatando-se que existe uma ligeira tendência dos comportamentos agressivos serem manifestados no início do primeiro tempo e no final do segundo tempo, ambos com 18.46%.

TABELA 01 - Frequências e porcentagens dos Comportamentos Agressivos em seis momentos de uma partida de handebol.

TEMPO	1º TEMPO				2º TEMPO				
JOGO	Início	meio	fim	SUBT	início	meio	fim	SUBT	TOTAL
Nº	48	39	41	128	42	42	48	132	260
(%)	18.46	15	15.77	49.23	16.15	16.15	18.46	50.76	100

A tabela 02 apresenta as frequências dos comportamentos agressivos em cada região da quadra. Antes das observações, elaborou-se seis categorias que correspondiam a região da defesa, no entanto, teve-se que acrescentar as agressões que foram realizadas no centro da quadra e no campo de defesa do agredido. Assim, constatou-se que a maioria das agressões são realizadas na região da defesa, 97.31%, enquanto que, 2.31% se localizam no centro da quadra e apenas 0.38% no campo de defesa da vítima. Com relação ao lado da defesa que é mais agressiva, os resultados mostram que o direito, 52.31%, é sensivelmente mais agressivo que o esquerdo, 45%. No que diz respeito a zona de marcação pode-se destacar as zonas 2 e 3 do lado direito como principais áreas de agressão compondo 21.92% cada, seguidas das zonas 2 e 3 do lado esquerdo com 18.85% e 18.07%, respectivamente. As zonas 1 do lado esquerdo, 8.08%, e direito, 8.47%, são as regiões que evidenciam a menor frequência da agressão na defesa.

TABELA 02 - Frequências e porcentagens dos comportamentos agressivos de acordo com a região da quadra.

LADO	ESQUERDO				DIREITO				CENTRO DA QUADRA	DEFESA DO ATAQUE	TOTAL
ZONA	1	2	3	SUBT	1	2	3	SUBT			
Nº	21	49	47	117	22	57	57	136	06	01	260
(%)	08.08	18.85	18.07	45	08.47	21.92	21.92	52.3	2.31	0.38	100

No ataque, a posição que ocupava o atleta no no momento da agressão está registrado na tabela 03. De uma forma geral, constatou-se que o arremessador esquerdo(AE) é o elemento mais visado com 29%, seguido do pivô(PI) e do arremessador direito (AD) que possuem 22.2% e 21,3%, respectivamente. Bem menos frequente, surge o armador central (AC), 10.4%, o ponta esquerda (PE), 9.9%, e o ponta direita (PD), 7.3%. Em posição de Contra-ataque(CA), 11.2%.

TABELA 03 - Frequências e porcentagens dos jogadores que Sofrem a Agressão.

	FUNÇÃO DO ATACANTE							
	PE	AE	AC	AD	PD	PIVÔ	CA	TOTAL
Nº	23	67	24	49	17	51	29	260
(%)	08.8	25.8	09.2	18.9	06.5	19.6	11.2	100

A tabela 04 mostra a frequência da posição que pertenciam os responsáveis pela agressão no handebol. Constatou-se que os segundos e terceiros marcadores são os principais responsáveis pela agressão, com 37.7% e 36.2% respectivamente. Os primeiros marcadores são os que menos participam de situações agressivas, 15.0%. Na situação de Contra-ataque(CA), encontrou-se 11.1%.

TABELA 04 - Frequências e porcentagens das posições de defesa dos agressores.

	FUNÇÃO NA DEFESA				
	1a	2a	3a	CA	TOTAL
Nº	39	94	98	29	260
(%)	15	36.2	37.7	11.1	100

Os dados que evidenciam a diferença no escore no instante da agressão está presente na tabela 05. O equilíbrio no escore parece ser um dos principais responsáveis pelo comportamento agressivo no handebol, tendo uma frequência de 41,5% de 0 a 2 gols de diferença e 31.2% de 3 a 6 gols. A medida que a diferença vai aumentando o número de agressão vai diminuindo, com 12.3% quando o placar tem uma diferença entre 7 e 8 gols, 11.2% quando a deferença está entre 9 e 12 gols e 3.8%, no instante em que a diferença é igual ou superior a 13 gols.

TABELA 05 - Frequências e porcentagens das agressões de acordo com a diferença do escore no Instante da Agressão.

	DIFERENÇA DE GOLS					
	00-02	03-06	07-08	09-12	13-Y	TOTAL
Nº	108	81	32	29	10	260
(%)	41.5	31.2	12.3	11.2	03.8	100

A tabela 06 apresenta os resultados das formas de agressão mais frequentes no handebol. Empurrar é o tipo de agressão mais comum com 38.5%, seguido de segurar e bater, com 31.9% e 20%, respectivamente. As formas menos frequentes são colidir, com 6.5%, obstruir com a perna, 2.3%, e chutar com .8%.

TABELA 06 - Frequências e porcentagens das formas de agressão mais frequentes no handebol.

CATEGORIA	EMPUR.	BATER	SEGUR.	OBST.PERNA	CHUTAR	COLIDIR	TOTAL
Nº	100	52	83	06	02	17	260
(%)	38.46	20	31.92	02.31	00.77	06.54	100

Na tabela 07, encontram-se os resultados do comportamento empurrar que foram observados a posição em que os agressores estavam. Os resultados revelam que 48% do comportamento de empurrar ocorreu por trás do adversário, 25% pela frente e 19% pelo lado.

TABELA 07- Frequências e porcentagens da posição que se encontravam os agressores no comportamento empurrar.

	COMPORTAMENTO - EMPURRAR				
	Pela frente	Pelo lado	Por trás	Outros	Total
Nº	25	19	48	08	100
(%)	25	19	48	08	100

A tabela 08 apresenta a posição e o local em que ocorreu o comportamento segurar. Os resultados revelam que: 35% do comportamento segurar foi por trás e pela cintura; 37.7% braço; 14.5% pelo pescoço; e 8,4% pela cintura pelo lado.

TABELA 08- Frequências e porcentagens da posição e local que se encontravam os agressores no comportamento segurar.

	SEGURAR					
	Braço	Cintura por trás	Pescoço	Cintura pelo lado	Outros	Total
Nº	28	29	12	07	07	83
(%)	33.7	35	14.5	08.4	08.4	100

A posição e o local em que se encontrava o agressor no momento em que realizou o comportamento bater estão dispostos na tabela 09. Os resultados revelam que bater pela frente (59.6%) é a principal forma. Bater no braço por trás (17.4%) e no rosto (11.5%) são um pouco menos frequentes.

TABELA 09- Frequências e porcentagens da posição e local em que se encontravam os agressores no comportamento bater.

	BATER				
	Braço por trás	Braço pela frente	Rosto	Outros	Total
Nº	09	31	06	06	52
(%)	17.4	59.6	11.5	11.5	100

No quadro 01 estão relacionados as posições de marcação com os tipos de agressão. Na posição desempenhada pelos primeiros marcadores constatou-se a predominância do comportamento empurrar (07.3%), seguido do segurar (03.9%) e bater (03.1%). Os segundos e terceiros marcadores possuem resultados muito semelhantes. Os comportamentos empurrar e segurar caracterizam os jogadores destas duas posições obtendo-se os seguintes resultados: no segundo marcador 14.4% e 15.6%; para o terceiro marcador 15.2% e 14.7% respectivamente. Menos frequente aparece o comportamento bater com 08.6% no segundo marcador e 09.5% no terceiro marcador. Não serão computadas os dados do contra-ataque (CA), por se tratar de uma situação que descaracteriza o ataque posicional.

QUADRO 01 - Distribuição conjunta das frequências
ções das variáveis posição do defens
de agressão.

POSIÇÃO-DEFESA / TIPO-AGRESSÃO		1º MARCADOR	2º MARCADOR	3º MARCADOR	
AGRESSÃO	BATER	07(03.1%)	20(08.6%)	22(09.5%)	
	CHUTAR	-	-	02(00.9%)	
	COLIDIR	04(01.7%)	04(01.7%)	04(01.7%)	1
	EMPURRAR	17(07.3%)	33(14.4%)	35(15.2%)	8
	OBSTRUIR	02(00.9%)	01(00.4%)	01(00.4%)	0
	SEGURAR	09(03.9%)	36(15.6%)	34(14.7%)	79
	TOTAL	39(16.9%)	94(40.7%)	98(42.4%)	231

A associação entre a posição do defensor
região da quadra estão apresentados no quadro 02. A
parte das vezes os primeiros marcadores agridem dent
suas posições de marcação, isto é, na zona 1, sendo 08
lado direito (Z1LD) e 06.9% no lado esquerdo (Z1LE). (
aos segundo marcadores, observa-se que grande parte
agressões corresponderam com as zonas de atuação, 18.6
lado direito (Z2LD) e 14.7% no lado esquerdo(Z2LE). Al
vezes foram registrados deslocamentos até a zona três, 0
no lado direito (Z3LD) e 03.1% no lado esquerdo(Z3LE)
forma semelhante ocorreu com os terceiros marcadores que,
maior parte das vezes agrediram dentro de sua posição de
ação, com 18.6% no lado direito(Z3LD) e 15.2% no lado esq
do(Z3LE). Constatou-se também que, em alguns momentos est
marcadores se deslocaram até a zona dois e agrediram, sen
02.6% no lado direito(Z2LD) e 05.2% no lado esquerdo(Z2LE
Neste quadro, não foram considerados os contra-ataques.

QUADRO 02 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis posição do defensor e região da quadra.

POSIÇÃO-DEFESA / REGIÃO	1º MARCADOR	2º MARCADOR	3º MARCADOR	Total
CENTRO	-	-	01(00.4%)	01(00.4%)
Z1LD	20(08.7%)	01(00.4%)	-	21(09.1%)
Z1LE	16(06.9%)	01(00.4%)	01(00.4%)	18(07.7%)
Z2LD	02(00.9%)	43(18.6%)	06(02.6%)	51(22.1%)
Z2LE	01(00.4%)	34(14.7%)	12(05.2%)	47(20.1%)
Z3LD	-	08(03.5%)	43(18.6%)	51(22.1%)
Z3LE	-	07(03.1%)	35(15.2%)	42(18.3%)
TOTAL	39(16.9%)	94(40.7%)	98(42.4%)	231(100%)

A relação entre a posição do atacante e o tipo de agressão sofrida compõe a apresentação do quadro 03. Entre os armadores, jogadores de nove metros, observa-se uma predominância dos comportamentos bater, empurrar e segurar, mas existem variações de uma posição para outra na ordem de ocorrência. Os armadores centrais, na maioria das vezes, são empurrados (03.8%) aparecendo os comportamentos bater e segurar na mesma proporção (03.1%). Já, nos armadores direito existe um equilíbrio perfeito entre as três formas de agressão com 06.5% cada uma. O armador esquerdo, normalmente vítima do comportamento segurar, com 12.6%, seguido do empurrar, 08.6%, e bater, 07.4%. Com relação aos jogadores de 6 metros, apenas o ponta esquerda segue esta

mesma ordem de preferência, com a predominância do comportamento empurrar, 04.3% e bem mais atrás, o segurar com 02.6% e bater com 02.2%. Na posição do pivô, praticamente não surge o comportamento bater (00.9%), mas o empurrar (10.8%) e segurar (09.1%) caracterizam esta posição. Pode-se constatar também o surgimento de um outro comportamento que caracteriza a agressão no ponta direita, o colidir (02.2%) superado pelo empurrar (02.6%) e, bem mais atrás vem bater (01.3%) e segurar (00.8%). Não foram computados os contra-ataques.

QUADRO 03 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis posição do atacante e tipo de agressão.

TIPO- AGRESSÃO / POSIÇÃO- ATAQUE		ARMADOR CENTRAL	ARMADOR DIREITO	ARMADOR ESQUERDO	PONTA DIREITA	PONTA ESQUERDA	PIVÔ	Total
AGRESSÃO	BATER	07(03.1%)	15(06.5%)	17(07.4%)	03(01.3%)	05(02.2%)	02(00.9%)	49(21.4%)
	CHUTAR	-	-	01(00.4%)	-	-	-	01(00.4%)
	COLIDIR	01(00.4%)	02(00.9%)	-	05(02.2%)	01(00.4%)	03(01.3%)	12(05.2%)
	EMPURRAR	09(03.8%)	15(06.5%)	20(08.6%)	06(02.6%)	10(04.3%)	25(10.8%)	85(36.6%)
	OBSTRUIR	-	02(00.9%)	-	01(00.4%)	01(00.4%)	-	04(01.7%)
	SEGURAR	07(03.1%)	15(06.5%)	29(12.6%)	02(00.8%)	06(02.6%)	21(09.1%)	80(34.7%)
	TOTAL	24(10.4%)	49(21.3%)	67(29%)	17(07.3%)	23(09.9%)	51(22.1%)	231(100%)

Os armadores, de uma forma geral, foram agredidos nas zonas dois e três, de ambos os lados. O armador central, na maioria das vezes, era atingido na zona três, sendo 04.7% quando a trajetória era para o lado direito(Z3LD) e, 03.5% para o lado esquerdo(Z3LE). Em alguns momentos os armadores centrais foram agredidos na zona dois, 01.3% no lado

esquerdo(Z2LE) e 00.9% no lado direito(Z2LD). Os incidentes com os armadores direito, na maioria das vezes, ocorreram no lado esquerdo das zonas dois e três, sendo 13.9% na zona dois(Z2LE) e 05.8% na zona três(Z3LE). Pode-se inferir que a trajetória reta (zona dois) mostra maior probabilidade para a agressão do que nas trajetórias diagonais (zona três). O mesma acontece com o armador esquerdo, só que para o lado direito, sendo 16.5% para a zona dois(Z2LE) e 09.9% para a zona três(Z3LE). A região em que os pontas sofreram agressões coincidem com a sua região de atuação, sendo 06.9% os pontas direitas e 08.7% os pontas esquerdas. Já, o pivô, foi mais agredido na região central, principalmente na zona três com 06.9% no lado esquerdo(Z3LE) e 06.5% no lado direito (Z3LD). Na zona dois houve um decréscimo deste percentual, 04.4% no lado direito(Z2LD) e 03.9% no lado esquerdo(Z2LE). Não foram computados os contra-ataques.

QUADRO 04 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis posição de ataque e região da quadra.

POSIÇÃO-REGIÃO ATAQUE DA QUADRA	ARMADOR CENTRAL	ARMADOR DIREITO	ARMADOR ESQUERDO	PONTA DIREITA	PONTA ESQUERDA	PIVÔ	Total
CENTRO	-	01(00.4%)	-	-	-	-	01(00.4%)
Z1LD	-	-	01(00.4%)	-	20(08.8%)	-	21(09.2%)
Z1LE	-	01(00.4%)	-	16(07.0%)	-	01(00.4%)	18(07.8%)
Z2LD	02(00.9%)	01(00.4%)	38(16.4%)	-	-	10(04.3%)	51(22.0%)
Z2LE	03(01.4%)	32(13.9%)	01(00.4%)	01(00.4%)	01(00.4%)	09(03.9%)	47(20.4%)
Z3LD	11(04.7%)	01(00.4%)	23(10.0%)	-	01(00.4%)	15(06.5%)	51(22.0%)
Z3LE	08(03.5%)	13(05.6%)	04(01.8%)	-	01(00.4%)	16(06.9%)	42(18.2%)
Total	24(10.5%)	49(21.1%)	67(29%)	17(07.4%)	23(10.0%)	51(22.0%)	231(100%)

No quadro 05, estão associados a diferença no placar e os tipos de agressão que caracterizam cada modificação no escore do jogo. Os comportamentos, segurar, bater e empurrar, predominam principalmente no instante em que o escore está equilibrado, 00-02 e 03-05, e quando começa haver um desequilíbrio, 06-08. No instante em que o escore atinge entre 09-12, constatou-se que houve uma queda na frequência do comportamento bater para 00.8% e o colidir surge como o terceiro mais frequente com 02.3%, perdendo para o empurrar, 03.8%, e o segurar, 03.1%.

QUADRO 05 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis diferença no placar e tipos de agressão.

AGRESSÃO \ DIFERENÇA DO PLACAR	00 - 02	03 - 05	06 - 08	09 - 11	12 - X	Total
BATER	20(07.7%)	20(07.7%)	07(02.7%)	02(00.8%)	03(01.1%)	52(20.0%)
CHUTAR	01(00.4%)	-	-	01(00.4%)	-	02(00.8%)
COLIDIR	04(01.5%)	06(02.3%)	01(00.4%)	06(02.3%)	-	17(06.5%)
EMPURRAR	45(17.3%)	29(11.1%)	12(04.6%)	10(03.8%)	04(01.6%)	100(38.4%)
OBSTRUIR	03(01.1%)	01(00.4%)	01(00.4%)	01(00.4%)	-	06(02.3%)
SEGURAR	34(13.2%)	27(10.4%)	11(04.2%)	08(03.1%)	03(01.1%)	83(32.0%)
Total	107(41.2%)	83(31.9%)	32(12.3%)	28(10.8%)	10(03.8%)	260(100%)

Os tipos de comportamento agressivo que caracterizam cada região da quadra estão presentes no quadro 06. A zona um do lado direito e as zonas dois e três de ambos os lados estão caracterizadas pelos comportamentos bater, empurrar e segurar. A zona um do lado direito apresenta a seguinte ordem: empurrar (04.3%), segurar (01.9%) e bater (01.5%). A zona dois dos lados direito e esquerdo estão dispostas na mesma ordem, obtendo-se, 09.2% e 08.2% para empurrar, 08.2% e 05.4% para segurar e, 03.5%, em cada região, para o bater. Na zona três do lado direito o comportamento segurar aparece como destaque, com 08.9%, seguido do empurrar 07.4% e bater 05.4%. Já, no lado esquerdo da zona três, o comportamento empurrar é o mais frequente com 07.4%, seguido do segurar (05.0%) e bater (04.6%). Na zona um do lado esquerdo, deve-se salientar o comportamento colidir que surge como o principal tipo, com 02.8%, seguido do segurar e empurrar 01.9% cada, e bater com 01.2%. Não foi considerado a região da própria defesa de quem sofreu a agressão.

QUADRO 06 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis região da quadra e tipos de agressão.

LOCAL DA AGRESSÃO / AGRESSÃO	REGIÃO CENTRAL	ZONA 01 LADO DIR.	ZONA 01 LADO ESQ.	ZONA 02 LADO DIR.	ZONA 02 LADO ESQ.	ZONA 03 LADO DIR.	ZONA 03 LADO ESQ.	Total
BATER	01(00.4%)	04(01.5%)	03(01.2%)	09(03.5%)	09(03.5%)	14(05.4%)	12(04.6%)	52(20.1%)
CHUTAR	01(00.4%)	-	-	-	-	01(00.4%)	-	02(00.8%)
COLIDIR	-	01(00.4%)	07(02.8%)	03(01.2%)	04(01.5%)	-	01(00.4%)	16(06.3%)
EMPURRAR	01(00.4%)	11(04.3%)	05(01.9%)	24(09.2%)	21(08.2%)	19(07.4%)	19(07.4%)	100(38.8%)
OBSTRUIR	02(00.7%)	01(00.4%)	01(00.4%)	-	01(00.4%)	-	01(00.4%)	06(02.3%)
SEGURAR	01(00.4%)	05(01.9%)	05(01.9%)	21(08.2%)	14(05.4%)	23(08.9%)	13(05.0%)	82(31.7%)
Total	06(02.3%)	22(08.5%)	21(08.2%)	57(22.1%)	49(19%)	57(22.1%)	46(17.8%)	258(100%)

A relação entre o período do jogo com o placar deste está expresso no quadro 07. Os dados revelam que, em geral, o primeiro tempo está caracterizado pelos comportamentos agressivos no instante em que o escore está equilibrado, enquanto que no segundo, o desequilíbrio predomina. No primeiro tempo obteve-se no escore de 00-02 e 03-05, no início do jogo 15.7% e 02.7%, no meio do jogo 05.8% e 09.2%, e, no final 08.1% e 07.3%. Já, no segundo tempo obteve-se os seguintes resultados: no início, 03.9% no escore 00-02, 04.2% no escore 03-05, 04.2% no escore 06-08 e 03.9% no escore 09-11; no meio, 05.0% no escore 00-02, 02.7% no escore 03-05, 03.1% no escore 06-08, 04.6% no escore 09-11 e 00.8% mais de 12 gols; no fim, 02.7% no escore 00-02; 05.8% no escore 03-05, 04.6% no escore 06-08, 02.2% no escore 09-11 e 03.1% no escore com mais de 12 gols de diferença.

QUADRO 07 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis tempo de jogo e escore.

PLACAR \ TEMPO DE JOGO		1º TEMPO			2º TEMPO			Total
		INÍCIO	MEIO	FIM	INÍCIO	MEIO	FIM	
ESCORE	00-02	41(15.7%)	15(05.8%)	21(08.1%)	10(03.9%)	13(05.0%)	07(02.7%)	107(41.2%)
	03-05	07(02.7%)	24(09.2%)	19(07.3%)	11(04.2%)	07(02.7%)	15(05.8%)	83(31.9%)
	06-08	-	-	01(00.4%)	11(04.2%)	08(03.1%)	12(04.6%)	32(12.3%)
	09-11	-	-	-	10(03.9%)	12(04.6%)	06(02.2%)	28(10.7%)
	12- X	-	-	-	-	02(00.8%)	08(03.1%)	10(03.9%)
	Total	48(18.4%)	39(15%)	41(15.8%)	42(16.2%)	42(16.2%)	48(18.4%)	260(100%)

No quadro 08 pode-se observar a distribuição de frequência da posição do agressor na defesa e a posição do atacante. Constatou-se que a maior parte das vezes os primeiros marcadores foram responsáveis pelas agressões dos pontas esquerda (08.2%) e direita (06.5%). Foram raras as vezes que estes marcadores agrediram os armadores direito (00.4%), armador esquerdo (00.9%) e pivô (00.9%).

Já, os marcadores da zona 02, que foram responsáveis por 40.7% das agressões, obtiveram os seguintes escores: 19% armador esquerdo, 14.3% armador direito, 04.8% pivô, 01.3%, armador central, 00.9% ponta esquerda e 00.4% ponta direita. Os terceiros marcadores, que efetuaram 42.3% dos comportamentos agressivos, na maioria das vezes agrediram o pivô (16.4%), em seguida os armadores centrais e esquerda (09.1% cada) e, com menor frequência, o armador direito (06.5%). A posição onde atuam os pontas foram as menos visadas por esses marcadores com 00.9%, ponta esquerda

e 00.4% na ponta direita.

QUADRO 08 - Distribuição conjunta das frequências e proporções das variáveis posição na defesa e posição no atacante.

VARIÁVEIS	POSIÇÃO-DEFESA	1º MARCADOR	2º MARCADOR	3º MARCADOR	Total
ATACANTE	A.CENTRAL	-	03(01.3%)	21(09.1%)	24(10.4%)
	A.DIREITO	01(00.4%)	33(14.3%)	15(06.5%)	49(21.2%)
	A.ESQUER.	02(00.9%)	44(19.0%)	21(09.1%)	67(29.0%)
	F.ATAQUE	-	-	-	-
	C.ATAQUE	-	-	-	-
	P.DIREITA	15(06.5%)	01(00.4%)	01(00.4%)	17(07.3%)
	P.ESQUER.	19(08.2%)	02(00.9%)	02(00.9%)	23(10.0%)
	PIVÔ	02(00.9%)	11(04.8%)	38(16.4%)	51(22.1%)
	Total	39(16.9%)	94(40.7%)	98(42.4%)	231(100%)

5- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de organizar a discussão dos resultados, pretende-se apresentar esta etapa sob a forma de itens, de acordo com os objetivos já estabelecidos anteriormente. Assim, deve-se iniciar a discussão com a variável territorialidade, seguindo-se com as variáveis região da quadra, função tática, escore de jogo e formas de agressão mais frequentes.

5.1- TERRITORIALIDADE

Os resultados encontrados mostram que os defensores (99.6%) agridem com maior frequência que os atacantes (0.38%) e ainda, a maior parte das agressões ocorrem quando o ataque está posicionado (88.5%) e, algumas vezes quando ocorre o contra-ataque (10.77%). Estes dados coincidem com a literatura no que diz respeito ao instinto do homem de proteger o seu território (BALAGUE, 1981; LORENZ, 1966).

Transportando esta situação para o handebol, sabe-se que cada equipe possui o seu campo, ou o seu território,

que corresponde a área de defesa. Esse campo deverá ser protegido para que o adversário não domine e não tenha livre acesso ao caminho do gol. Assim, fazendo esse tipo de analogia pode-se perceber que, dentro da teoria instintiva esse é um dos principais caminhos para a explicação do ato agressivo baseado nesses dados. De acordo com Pilz & Trebels (apud SAMULSKI, 1992), a característica da modalidade esportiva se torna um elemento facilitador para o ato agressivo. No entanto, essa estrutura do handebol é uma característica comum à maioria das modalidades esportivas coletivas onde, as equipes tem um objetivo de fazer pontos ou gols, e deverão impedir que o adversário atinja o seu objetivo. O ataque e a defesa constituem a estrutura básica dessas modalidades. Assim, observa-se que as modalidades esportivas com estruturas semelhantes ao handebol favorecem a agressão instintiva.

Outro aspecto que pode ser discutido está relacionado com o tipo de agressão quanto a intencionalidade. Observou-se que as características da agressividade no handebol que se referem a territorialidade, em dois aspectos se parecem com a agressão instrumental definida por BUSS (1975). Conforme esse autor, a agressão instrumental parte da competitividade ou pelo fato do reforçador desejado ser possuído por outra pessoa. O primeiro aspecto satisfaz esta condição que caracteriza a agressão instrumental, no caso, a competição, que está implícita

dentro de qualquer organização esportiva.

Por outro lado, observa-se que os dados que se referem a territorialidade, a agressão por parte da defesa, se assemelham com a segunda condição que caracteriza a agressão instrumental, ..."o reforçador desejado ser possuído por outra pessoa". No handebol, o momento em que uma equipe está sem a posse de bola e procura defender o seu território caracteriza o ato de defender, onde, o reforçador (a bola) se encontra com o adversário.

Assim, percebe-se, baseados nesses dados que, o handebol possue uma característica de esporte que possue a disputa de territórios. E é na situação de defensor que o jogador de handebol parece estar mais propenso à agressão.

5.2- FUNÇÃO TATICA DOS ATLETAS ENVOLVIDOS NA AGRESSÃO

Baseado nos resultados encontrados na variável anterior, a territorialidade, pôde-se perceber que os jogadores, quando se encontram na defesa, serão os prováveis agressores, e no ataque, as vitimas da agressão. Inicialmente, as funções táticas, na defesa e no ataque serão, discutidas separadamente e, a seguir, as duas serão associadas.

Com relação a defesa, os dados revelam que os marcadores que se encontram nas terceiras (37.69%) e segundas (36.15%) posições são os principais responsáveis

pela maioria dos atos agressivos em partidas de handebol (tabela 04). Observa-se neste caso que esses marcadores estão cobrindo a região central da defesa, isto é, posição onde o ângulo para finalização é maior, logo, região de maior perigo para a defesa. Estes resultados só reforçam a idéia de territorialidade (LORENZ, 1966), porque, quanto mais ameaçadora for a região, maior deverá ser o cuidado e a atenção da defesa.

Os defensores encontram mais dificuldade ainda, no momento em que observa-se as características das movimentações dos atacantes que normalmente ocorrem nesta região, isto é, espaço de aproximadamente 10 metros para deslocamentos em direção à defesa, com uma trajetória em linha reta ou diagonal. A desvantagem do defensor é nítida e tudo indica que os choques mais fortes ocorrem na região central, exatamente onde estão posicionados os segundos e terceiros marcadores. A quantidade de choques, conforme BALAGUE (1981), também poderá contribuir para a agressão porque, quanto maior o número de contatos maior será a probabilidade do ato agressivo.

Pode-se observar com esses dados as posições de marcação onde ocorre o maior número de atos agressivos. A questão que surge é: são as posições de marcação que favorecem este ato ou os indivíduos que marcam nesta posição é que possuem uma predisposição para agredir? O presente estudo não contempla esta questão, no entanto baseado no

modelo conceitual de TERRY & JACKSON (1989), pôde-se traçar um paralelo a fim de esclarecer melhor esta questão.

A agressão em que foi identificada a agressão (segundo e terceiro marcador) poderá favorecer este ato, somado a predisposição do atleta, desencadeia o ato agressivo. Assim, acha-se necessário que seja realizado um estudo mais aprofundado onde haja uma associação com as regras. Seriam as regras que estariam facilitando o ato agressivo? Ou o sistema defensivo eficiente favorece a agressão?

Com relação à predisposição para agredir dos jogadores que atuam nestas posições, deve-se tentar identificar as causas deste problema. Se for frustração, buscar saber se não está relacionado com a região de marcação ou com outros fatores. Já, se os marcadores destas posições possuem um instinto agressivo, que seria pouco provável, pode-se adotar as sugestões de TERRY & JACSON (1989), CRATTY (1984) e SAMULSKI(1992). Segundo esses autores pode-se controlar a agressão no esporte, principalmente, através de medidas baseadas na aprendizagem social, são elas: punições mais severas para os agressores; discussões com treinadores e educadores a fim de conscientizá-los de que a integridade física dos atletas é mais importante que o resultado final; primar por um bom espetáculo; mostrar a importância do jogo limpo.

Ao associar a função tática do defensor com as

formas de comportamentos no quadro 01, chegou-se aos modelos de agressão, principalmente dos segundo e terceiro marcadores de ambos os lados. São elas: segundo marcador-segurar(15.6%); terceiro marcador-empurrar(15.2%); terceiro marcador-segurar(14.7%); segundo marcador-empurrar(14.4%); terceiro marcador-bater(09.5%); segundo marcador-bater(08.6%); primeiro marcador-empurrar(07.3%).

Os resultados revelam que as agressões físicas no handebol se resumem em três formas, onde os segundos e terceiros marcadores já possuem modelos de agressões que possivelmente são aprovadas pelo meio e, porque não dizer, reforçadas. Esse aspecto é enfocado na teoria da aprendizagem social que, parte do princípio que o comportamento agressivo é aprendido porque existe um modelo, e que este modelo é reforçado positivamente (BALAGUE, 1981; BANDURA & WALTERS, 1976; SINGER, 1975).

Outro aspecto que foi analisado se refere a associação entre função tática na defesa com a função tática no ataque. Aqui, tem-se duas situações bem distintas, os defensores como provocadores da agressão e os atacantes como vítimas desse comportamento. Com essa associação buscou-se identificar quais os atacantes que eram mais visados pelos segundos e terceiros marcadores. No quadro 10, os resultados revelam que os terceiros marcadores agridem os seguintes atacantes: pivô (16.4%); armador central e esquerdo (09.1% cada posição); armador direito (06.5%). Enquanto que os

segundos marcadores apresentam os principais resultados: armador esquerdo (19.0%) e armador direito (14.3%).

Esses dados revelam que a preocupação maior dos terceiros marcadores é com o pivô e em seguida com os armadores, enquanto que os segundos marcadores agridem com maior frequência os arremessadores esquerdo e direito. Estes resultados reforçam ainda mais a territorialidade (LORENZ, 1966; BALAGUE, 1981) porque os marcadores, na maior parte das vezes, agridem os elementos que mais ameaçam o seu território, dentro da sua função de marcação, isto é, foram raras às vezes que um marcador da terceira posição agrediu um ponta, porque o ponta ameaça a região do segundo marcador e não a sua zona de marcação.

Um aspecto que pode ser questionado, baseados nestas informações, se refere ao aspecto tático e técnico dos segundos e terceiros marcadores. Por esses marcadores estarem agredindo em sua região de marcação os respectivos atacantes, pode-se inferir que existe uma dificuldade ou limitação técnica ou tática que leva a alternativa da agressão.

Por outro lado, essa opção de agredir, mais especificamente, arremessadores e pivô, compõe um perfil de agressão no handebol. Por pior que seja a dificudade técnica e tática para marcar nessas regões não justifica um ato de agressão. Os resultados poderão nortear ainda mais a discussão entre treinadores e educadores no handebol, visto

que sabe-se com maiores detalhes as posições e a formas de agressão. No entanto, mais uma vez ficou uma lacuna em branco. Porque está ocorrendo a agressão dessa forma, por esses defensores, nos respectivo atacantes? E um ponto de partida para novos estudos.

No ataque, os dados revelam que existem, na maior parte das vezes, três posições que são mais visadas pelos agressores (tabela 03): arremessador esquerdo (25.77%), pivô (19.62%) e arremessador direito (18.84%). Os dois arremessadores, conforme MARTINI(1984), possuem funções semelhantes no ataque e trajetórias semelhantes. Assim, somando-se os resultados das duas posições obtém-se uma frequência de 44.61% para os arremessadores.

No Brasil, empiricamente, pode-se afirmar que os arremessadores são os principais elementos do ataque, onde observa-se que, as melhores equipes possuem bons arremessadores. Com isso, uma das explicações da psicologia do esporte para este aspecto está voltada para a agressão instrumental (SAMULSKI, 1992). Neste caso, o aspecto competitivo prevalece em um campeonato, e ainda, o reforçador desejado (no caso, a vitória) está sendo ameaçado por um jogador que se destaca.

Essa mesma idéia de agrressão instrumental pode constatou-se ao analisar os dados do quadro 4, onde foram apresentadas as posições dos jogadores com a região da quadra. O armador direito, na maior parte das vezes é

agredido quando percorre uma trajetória em linha reta, isto é, na zona dois do lado esquerdo (13.9%) e, algumas vezes na diagonal, zona três do lado esquerdo (05.6%), enquanto que o armador esquerdo também possui resultados semelhantes com 16.4% na zona dois do lado direito (trajetória reta) e 10.0% na zona três do lado direito (diagonal). Os dados revelam o perigo que esses jogadores representam para a região central, reforçando a idéia da territorialidade (LORENZ, 1966).

Por outro lado, pode-se retomar a questão da aprendizagem social (BANDURA & WALTERS, 1975) que, neste caso, está representado pelo modelos agressivos que visam impedir que o adversário atinja o seu objetivo. Mais uma vez fica evidente a necessidade de uma discussão mais aprofundada, entre treinadores e educadores, desta situação onde, armadores e pivô são as principais vítimas das agressões.

No instante das agressões não foi possível identificar o tipo de sistema de marcação que estava prevalecendo no momento do ato agressivo. Entretanto, sabe-se que nos últimos anos o sistema defensivo mais utilizado no handebol competitivo é o 3+2+1 que, através de uma observação empírica constatou-se que predominou nestas competições. Mais uma questão pode-se levantar: o tipo de sistema defensivo poderá favorecer o comportamento agressivo em competições de handebol?

Quanto ao pivô, pode-se acrescentar ainda a territorialidade (LORENZ, 1966) que está relacionado com o posicionamento deste jogador. De costas para a defesa, entre os defensores e disputando a mesma área, o pivô constantemente está em contato com o adversário, ameaçando o território na região que oferece maior perigo para a defesa. Isto pode ser observado no quadro 4, onde constatou-se que a maioria das vezes o pivô foi agredido na zona três (13.4%), região central da defesa.

De uma maneira geral, no que se refere a função tática dos jogadores de handebol envolvidos no ato agressivo, os resultados obtidos poderão ser associados a três temas e uma teoria da psicologia do esporte. A agressão instrumental (BUSS, 1975; BALAGUE, 1981; SAMULKI, 1992) está caracterizada nos momentos em que observa-se os principais jogadores do ataque (dificultadores do reforçador) serem as vitimas da agressão. A territorialidade (LORENZ, 1966 ; BALAGUE, 1981) também auxilia este tipo de explicação pelo fato de constatar-se que existia uma preocupação dos defensores de impedir a infiltração do adversário nas zonas mais perigosas.

Com relação ao número de contatos físicos (BALAGUE, 1981), baseado em uma revisão bibliográfica, observou que estes elementos envolvidos, tanto os defensores como atacantes, representam os jogadores que possuem maior probabilidade de entrar em contato físico com os defensores

devido as suas trajetórias em velocidade na direção da defesa (trajetória dos arremessadores), ou ainda, pela posição que ocupa entre os defensores (o pivô). Após ter-se visualizado os tipos de agressões dos defensores, pode-se afirmar que já existem modelos de agressão para determinadas posições. Esse aspecto caracteriza a teoria da aprendizagem social (BANDURA & WALTERS, 1975).

5.3- REGIÃO DA QUADRA

Através dessa variável, buscou-se identificar a região da quadra que poderia favorecer o comportamento agressivo. Os resultados obtidos vão de encontro ao que foi discutido na variável anterior, função tática dos jogadores. No entanto, outros aspectos caracterizarão melhor as agressões nas diversas regiões da quadra.

O primeiro aspecto se refere à localização das agressões na quadra de handebol. Constatou-se que a maior parte das agressões ocorreram na zona de defesa (97.3%), poucas vezes no centro da quadra (2.31%) e raras vezes no lado defensivo dos atacantes (0.38%). Pode-se afirmar que as regiões próximas da área de seis metros, no instante em que está sendo protegida, tornam-se mais favoráveis a este tipo de comportamento. O aspecto da territorialidade (BALAGUE, 1981; LORENZ, 1966) mais uma vez é reforçado. Percebeu-se que as regiões próximas a linha de seis metros caracterizam o território que deverá ser defendido, enquanto que as

faixas centrais surgem como territórios neutros.

Conforme os resultados apresentados na tabela 2, o lado direito (52.3%) e o lado esquerdo (45%) da defesa não revelam nenhum tipo de preferência. No entanto, quando é identificada a região da quadra onde ocorre o maior número de eventos agressivos, retoma-se a questão da territorialidade (BALAGUE, 1981; LORENZ, 1966), ansiedade (CRATTY, 1984; SAMULSKI, 1992) e o número de contatos (BALAGUE, 1981). A territorialidade e o número de contatos físicos já foram discutidos anteriormente, no que diz respeito as funções táticas. Mas, a ansiedade surge como um novo elemento. Partindo-se do princípio que as regiões 2 e 3 de ambos os lados são consideradas as mais visadas para infiltração do ataque e que, nestas posições normalmente atuam os melhores jogadores, acredita-se que estes aspectos serão motivos suficientes para provocar o aumento da ansiedade nos defensores que atuam na região central.

5.4- PLACAR DO JOGO

Na presente variável, buscou-se, através do escore do jogo, identificar se o equilíbrio ou o desequilíbrio poderiam favorecer comportamentos agressivos no handebol. Observou-se que, a maior parte dos atos agressivos ocorriam no instante em que uma partida estava equilibrada, conforme os dados apresentados na tabela 05.

Encontrou-se 41.54% de atos agressivos no instante

em que o placar evidenciava uma diferença de 0 a 2 gols, 31.15% entre 3 e 5 gols. Os valores foram decrescendo à medida que a diferença de gols foi aumentando, obtendo-se os seguintes resultados: 12.31% para uma diferença de 6 a 8 gols; 11.15% para uma diferença de 9 a 12 gols; e, 3.85% para mais de 13 gols de diferença.

As constantes frustrações que o equilíbrio de uma partida poderá provocar é o primeiro aspecto a ser discutido. Conforme VERPLANK apud FURIO & GIMENO (1989), uma das formas de frustração encontradas no esporte está relacionado com o conflito que uma competição proporciona. Assim, esta teoria surge como uma das explicações para os resultados encontrados.

Por outro lado, conforme BALAGUE (1981) e SAMULSKI (1992), a situação de equilíbrio de uma partida está relacionada com a agressão instrumental. Isso se deve ao fato de haver a possibilidade de vitória, que neste caso se torna o reforçador esperado. Após verificar-se que a maior parte dos comportamentos (99.62%) foram provocados pelos defensores e que o equilíbrio da partida foi o momento que prevaleceu durante os atos agressivos, chegou-se a seguinte dedução: em determinados momentos do jogo, neste caso, quando há um equilíbrio, alguns jogadores não se preocupam com a integridade física do adversário, buscando a vitória a qualquer custo.

Esse tipo de agressão está relacionado a

ansiedade que o equilíbrio de uma partida provoca em determinados jogadores. CARVALHO (1985) afirma que o clima de ansiedade que envolve o jogo favorece o desencadeamento desse tipo de comportamento. Nada mais angustiante que um jogo equilibrado onde, o erro não é permitido e, um momento de distração poderá favorecer o adversário. De forma semelhante, CRATTY & PIGOTT (1984) revelam que o aumento do nível de ativação também poderá aumentar as tendências agressivas dos atletas. A ativação, conforme ROBERTS (1986), equivale a ansiedade estado, isto é, momento que antecede uma atividade caracterizado pela apreensão e tensão.

No instante em que, associou-se a diferença do placar com os tipos de agressão (quadro 05), constatou-se que a diferença de até 2 gols caracterizaram os seguintes comportamentos: empurrar (42.1%), segurar (31.8%), e bater (18.7%). No escore em que a diferença variava de 3 e 5 gols, o comportamento empurrar e segurar ficaram mais equilibrados (34.9% e 32.6% respectivamente) e aumenta o bater (24.1%). Observou-se a seguinte relação: a medida que a diferença no escore vai aumentando, ocorre uma descaracterização dos tipos de comportamentos agressivos. Com estes dados, pode-se deduzir que em escores equilibrados que caracterizam a agressão instrumental, existem modelos de comportamentos agressivos, não ocorrendo o mesmo no desequilíbrio de uma partida. Esse fato está intimamente associado a teoria da aprendizagem social (BANDURA & WALTER, 1975), onde pode-se

relacionar também com a agressão instrumental.

5.5- FASES DO JOGO

O período do jogo revela se existem fases que o ato agressivo é mais frequente. O primeiro aspecto a ser observado diz respeito ao tempo do jogo que o comportamento agressivo é mais frequente, se é no primeiro ou segundo tempo. Conforme a tabela 01 pode-se observar que existe um grande equilíbrio entre o primeiro (49.23%) e segundo tempo (50.76%).

No momento em que os dados são associados com o placar do jogo (quadro 07), constatou-se que o primeiro tempo dos jogos está caracterizado pelo equilíbrio, isto é, os comportamentos agressivos que foram provocados no instante em que o placar estava equilibrado (00-02), na maioria das vezes são realizados na primeira etapa do jogo, obtendo-se os seguintes resultados: 15.7% no início; 05.8% no meio; e, 08.1% no fim. Considerando-se que para o handebol uma diferença de aproximadamente cinco gols na primeira etapa não caracteriza um escore desequilibrado para essa etapa, pode-se incluir também, como dados equilibrados as diferenças entre 03-05 gols, onde obtem-se os seguintes resultados: 02.7% no início; 09.2% no meio; e, 07.3% no final do primeiro tempo. Com esses resultados pode-se perceber que as equipes tentam se impor de qualquer maneira, e todo equilíbrio que apresenta no início da partida parece

favorecer a agressão instrumental (BALAGUE, 1981; SAMUSKI, 1992).

Na segunda etapa, tem-se os seguintes resultados: no início (00-02 com 03.9%, 03-05 com 04.2%, 06-08 com 04.2%, 09-11 com 03.9%); meio (00-02 com 05.0%, 03-05 com 02.7%, 06-08 com 03.1%, 09-11 com 04.6% e 12-X com 00.8%) final (00-02 com 02.7%, 03-05 com 05.8%, 06-08 com 04.6%, 09-11 com 02.2% e 12-X com 03.1%). Percebe-se que esses valores se igualam no início e, no meio do jogo até o final os momentos de desequilíbrio parecem caracterizar a agressividade nesta etapa. Conforme BALAGUE (1981), a grande diferença no placar poderá favorecer a agressividade reativa, isto é, a frustração por estar em desvantagem pode ser considerado um estímulo que induza a cólera, e esta, é seguida por agressão cuja intenção é provocar sofrimento na vítima.

No primeiro tempo dos jogos verificou-se que os comportamentos agressivos estão sensivelmente mais concentrados no início (18.46%), que corresponde exatamente ao momento em que ocorre o maior equilíbrio no placar, caracterizando a agressão instrumental. No meio ocorre um decréscimo para 15% das observações, e no fim ocorre um discreto aumento para 15.77%. Já no início e meio do segundo tempo estes valores são elevados para 16.15%, aumentando no final do jogo para 18.46%. E justamente no final do jogo que ocorre a caracterização da agressão reativa, conforme o

quadro 07. Assim, constatou-se que o início e o final de uma partida de handebol parecem favorecer este tipo de comportamento que, ao associar esses resultados com o escore, há evidências de que o início de um jogo prevalece a agressão instrumental e no final do jogo a agressão reativa.

5.6- TIPOS DE AGRESSÃO

Pretende-se descrever neste tópico os tipos de agressão que predominam no jogo de handebol, partindo de categorias pré-estabelecidas. Na tabela 06 observa-se que o comportamento empurrar (38.46%) prevalece sobre os demais, aparecendo logo atrás o segurar (31.92%) e, ainda numa frequência alta, vem o bater (20%). O colidir (6.54%), obstruir com a perna (2.31%) e chutar (0.77%) são comportamentos que surgem eventualmente em partidas de handebol. Assim, pode-se afirmar que já existem modelos de comportamentos agressivos que se repetem com uma frequência considerável, revelando a primeira associação com a aprendizagem social.

O empurrar (42.1%), segurar (31.8%) e bater (18.7%) são comportamentos que caracterizam principalmente o momento em que o placar está equilibrado, conforme os dados apresentados na quadro 05. A medida que a diferença vai aumentando observa-se a diminuição da frequência do comportamento bater e o surgimento do colidir. Mais uma vez pode-se associar esses resultados com modelos de agressão

instrumental que, por sua vez, auxilia no entendimento da teoria da aprendizagem social. Esse item já foi discutido anteriormente, por isso, apenas será citado.

Os três comportamentos mais frequentes foram descritos com maiores detalhes e serão apresentados a seguir. Primeiro, o compotamento empurrar, seguido pelo segurar e bater.

No comportamento empurrar, quando enriquecido com maiores informações revela os seguintes dados (tabela 07): pela frente - 25%; pelo lado 19%; por trás 48%; outros, 8%. Neste caso, acrescentou-se a posição em que se encontrava agressor na hora do ato. Pode-se perceber na maior parte das vezes o ato de empurrar é realizado por trás, isto é, o defensor já foi vencido pelo adversário e está invadindo o território da defesa, ameaçando a defesa (território) e o escore do jogo (reforçador). Aqui surgem três idéias, o modelo de empurrar por trás toda vez que o adversário conseguir passar, a invasão do território e o fato do defensor tentar impedir de qualquer forma que o atacante tenha êxito. Mais uma vez percebe-se que a aprendizagem social está relacionada com a agressão instrumental, sustentando assim a idéia de BAUMAMANN (apud SAMULSKI, 1992), que considera a agressividade instrumental como uma das caracterísiticas da aprendizagem social e ainda, a teoria da territorialidade de LORENZ(1975), que também poderá auxiliar na interpretação desses resultados.

No comportamento segurar, conforme mostra a tabela 08, chegou-se aos seguintes resultados: cintura por trás (35%), braço (33.7%), pescoço (14.5%), cintura pelo lado (08.4%) e outros (08.4%). Identificou-se dois resultados que chama mais a atenção nesta categoria de segurar, que são segurar pela cintura por trás e segurar o braço. No primeiro caso, associa-se a posição em que o defensor segurou pela cintura com as discussões do comportamento empurrar. Já, o comportamento segurar o braço poderá ser discutido junto com o bater no braço que, neste caso, possuem significados semelhantes. O comportamento bater revelou os seguintes resultados(tabela 09): 59.6% no momento em que o braço era atingido pela frente, 17.4% o braço sendo atingido por trás, 11.5% atingir o rosto e 11.5% outros. O braço, normalmente, no handebol tem o significado de força, gol, arremesso, perigo para a defesa, e é por um movimento bem sucedido deste que surge a possibilidade da vitória (reforçador), sendo a parte do corpo do atacante que, no momento, representa a maior ameaça para seu goleiro. Muitas vezes, não adianta segurar pela cintura do adversário ou empurrar, se o braço estiver livre para arremessar. Neste caso, surge o modelo (aprendizagem social) de segurar o braço e bater no braço e ainda, a ameaça do reforçador, neste caso a vitória (agressão instrumental).

6 - CONCLUSÕES E SUGESTÃO

Baseados nos resultados obtidos neste estudo, cujo objetivo foi investifar a forma com que a agressividade se manifesta em competições de handebol e, identificar e discutir os fatores estruturais desse esporte que poderão favorecer a conduta agressiva em competições organizadas por Federações, pôde-se chegar as seguintes conclusões:

- Com relação a territorialidade este estudo permite-nos identificar os defensores como os principais responsáveis pelos comportamentos agressivos em partidas de handebol, e ainda, que estes comportamentos caracterizam a agressão instrumental, isto é, pelo fato do reforçador desejado, a bola, ser possuído pelo adversário.

- Quanto a função tática dos atletas envolvidos, há evidencias de que, na defesa, os principais agressores são os segundos e terceiros marcadores que, na maioria das vezes, realizam três formas de comportamento: empurrar, segurar e bater. Quanto aos jogadores de ataque que sofrem a agressão, o presente estudo permite supor que o arremessador esquerdo, o pivô e o arremessador direito são os atacantes mais visados. Constatou-se que os armadores direito e esquerdo são agredidos através dos seguintes comportamentos,

empurrar, segurar e bater, enquanto que o pivô normalmente é vítima dos comportamentos empurrar e segurar.

- Quanto a região da quadra constatou-se que, as zonas dois e três, principalmente no lado direito, concentram o maior número de agressões no handebol. Essas regiões representam maior ângulo e facilidade para finalizar a gol. Assim, associou-se esses resultados a questão da territorialidade, onde identificou-se três regiões distintas: zona central da quadra, região neutra; zona um de ambos os lados da defesa, regiões com baixo números de agressões; zonas dois e três de ambos os lados da defesa, regiões que mais favorecem a agressão.

- No placar do jogo, constatou-se que o equilíbrio de um escore caracteriza a maioria dos comportamentos agressivos em competições de handebol. Os resultados obtidos nesta variável revelam fortes evidências de que a agressividade nessa modalidade esportiva, quanto a intencionalidade da agressão, é do tipo instrumental. Há evidências de que esse equilíbrio faz desencadear uma série de emoções, principalmente a ansiedade e a ativação, que também estão associadas a agressão.

- No que se refere as fases do jogo em que o comportamento agressivo é mais frequente, observou-se um grande equilíbrio no número de atos agressivos entre o primeiro e o segundo tempo, revelando que existe pouca associação entre tempo de jogo(início, meio e fim de cada etapa) com a agressividade.

Ao associar esses dados com o escore da partida de handebol, verificou-se que a agressão instrumental normalmente está caracterizada no inicio de uma partida, onde existe uma necessidade de alcançar os objetivos a qualquer preço, enquanto que a agressão reativa surge com maior freqüência no final do segundo tempo, momento em que há um envolvimento emocional muito grande, podendo desencadear o ato agressivo;

- Quanto aos tipos de agressão constatou-se três comportamentos mais frequêntes: o empurrar, o segurar e o bater. Ao aprofundar na descrição de cada comportamento chegou-se a duas situações distintas. No primeiro caso, que está relacionado com a posição em que se encontrava o agressor, constatou-se os seguintes modelos: empurrar por trás e segurar por trás. Observa-se uma tendência ao recurso da agressão no instante em que o adversário consegue o êxito no jogo. O outro aspecto, associou-se com o local mais visado do corpo do adversário. Assim, pôde-se obter os seguintes modelos: segurar o braço e bater no braço. Baseando-se na agressão instrumental, deduz-se que os defensores buscam impedir, de qualquer maneira, que o braço do adversário tenha êxito em sua ação. Nos dois modelos descritos observa-se uma concepção de jogo onde a vitória se coloca acima da integridade física do adversário. Acredita-se que, em jogos de handebol, deva ser privilegiada a beleza do espetáculo e a arte acima de tudo, principalmente na situação que foi descrita, onde, de acordo com as regras,

somente o goleiro poderá evitar o gol.

Ao final do trabalho, pretende-se dar continuidade a esse estudo, divulgando e discutindo junto as pessoas que estão intimamente envolvidas com o handebol e também, com a comunidade científica. Por outro lado, para dar continuidade a essas discussões, sugere-se que sejam aprofundadas as seguintes questões:

- Qual é a realidade deste comportamento em um ambiente escolar?
- Existe agressividade em jogos de handebol desenvolvidos em aulas de Educação Física? Como se manifesta?
- Como se manifesta a agressividade em jogos de handebol feminino?
- Quais os critérios que a arbitragem utiliza para julgar um comportamento agressivo?

7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICA

AGUILAR, José Palacios. El Planteamiento Educativo como Solución al Problema de la Violecia en el Deporte. **Apunts:** Educació Física i esports. Nº 23, marzo, 1991. p.89-98.

ARMS, Robert L. ; RUSSEL, Gordon W. & SANDILANDS, Mark L. Effects of Viewing Aggressive Sport on the Hostility of Spectators. In: **Psychology in Sports: Methods and Applications organizado por Richard M. Suinn.** Minnesota: Burgess Publishing Company, 1980.

BALAGE, Gloria. Análisis Psicológico de la agressividad en el deporte. **Apuntes de Medicina Deportiva.** vol. 18, nº 69, marzo-1981. p.19-35.

BANDURA, Albert & WALTERS, Richard H. **Padrões de Reforço e comportamento Social: Agressão.** In: Edwin Megargee & Jack E. Hokanson. A Dinâmica da Agressão. São Paulo, EPU, 1976. p. 41-58.

BAYER, Claude. **Tecnica del Balonmano: laformacion del jugador.** Barcelona: Editorial Hispano Europea S.A., 1987.

BENNET, J.C. The Irrationality of the Catharsis Theory of Agression as Justification for Educators' Support of Interscholastic Football. **Perceptual and Motor Skills,** nº 72, 1991. p.415-418.

BENOIT, E. O Papel do Comentador nas Reportagens Desportivas da

Televisão. **Desporto e Sociedade.** Nº 61, setembro/1987: 03-11.

BOA FORMA. **Mais Esporte Menos Agressividade.** Nº 12, 1988

BUSS, Arnold H. **A Agressão Compensa.** In: Jerome L. Singer. O Controle da Agressão e Violência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CAPINUSSÚ, José Maurício. Violência no Esporte: desvio em busca de correção. **Artus.** Nºs 21/22. Dezembro, 1989: 31-35.

CARRANZA, Marta. Agressivitat - Activitat Corporal. **Apunts:** d'educacip física i medicina esportiva. V.14, nº 75, sept-1982. p.199-206.

CARVALHO, A. Melo de **Violência no desporto.** Lisboa: livros horizonte, 1985.

CATALDI Jr., Peter. Sport and Aggression: A Safety Valve or A Pressure Cooker? In: **Sport Psychology An Analysis of Athlete Behavior** Organizado por Willian F. Strub. 2ª ed. New York: Mouvement Publications, 1980.

CORRAN, Robert. Violence and the Coach. In: **Psychology in Sports: Methods and Applications organizado por Richard M. Suinn.** Minnesota: Burgess Publishing Company, 1980.

CRATTY, Bryant J. **Psychological Preparation and Athletic Excellence.** New York: Mouvement Publications, 1984.

CRATTY, Bryant. **Psicologia do Esporte.** São Paulo: Prentice Hall do Brasil, 1984.

CRATTY, Bryant J. & PIGOTT, Robert E. **Student Projects in Sport Psychology.** New York, Mouvement Publications, 1984.

DANNA, Marilda Fernandes & MATOS, Maria Amélia. **Ensinando Observação:** uma introdução. 2a ed. São Paulo: Edicon, 1984.

DIAS, Kátia Pedreira. **A Educação Física como Fator da Diminuição de Agressividade em Menores Carentes.** Dissertação de Mestrado em Educação Física apresentada à Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1990.

DOLLARD, John et all. **Frustração e Agressão.** In: Edwin Megargee & Jack E. Hokanson. A Dinâmica da Agressão. São Paulo, EPU, 1976. p. 41-48.

DUDA, Joan L. ; OLSON, Linda K. & TEMPLIN Thomas J. The Relationship of Task and Ego Orientation to Sportsmanship Attitudes and the Perceived Legitimacy of Injurious Acts. **Physical Education, Recreation and Dance.** V. 62, no1, March-1991. p. 79-87.

DURANTEZ, Conrado. ?Hubo violencia en los juegos olímpicos antigos? **Apunts.** v.23, 1986. p.247-253.

FREUD, Sigmund. **Por que Existe Guerra?** In: Edwin Megargee & Jack E. Hokanson. A Dinâmica da Agressão. São Paulo, EPU, 1976. p.

41-48.

FURIO, Antonio E. & GIMENO, Amparo Peris. La frustració a l'esport. **Apunts.** V.19, 1992. p.47-52.

GONZALES, Martha del Pino & RIVAS, Gustavo Sabas. Estudio de la Intensidad de los Motivos Deportivos en los Equipos de Hockey Sobre Cesped y Tiro Deportivo. **Boletin Cientifico Técnico-INDER.** Cuba, nº 1, 1989. p. 6-14.

GRUPO DE TRABALHO TREVI II. Os Adeptos do Futebol e os Agentes Provocadores da Violência. **Desporto e Sociedade.** Nº 70, outubro/1987: 3-12.

HILGARD, Ernest Ropiequet. **Introduçªo a Psicologia.** 2ª ed. Sªo Paulo: Ed. Nacional, 1979.

HUSMAN, Burris. Agression: An Historical Perspective. In: **Sport Psychology An Analysis of Athlete Behavior** Organizado por Willian F. Strub. 2ª ed. New York: Mouvement Publications, 1980.

LEITH, Larry M. The Effect of Various Physical Activities, Outcome, and Emotional Arousal on Subject Aggression Scores. **Sport Psychology.** 20:57-66, 1989.

LEPORATI, Ariel. Deporte y Violencia. **Educaion Fisica - Chile.** Nº 205, junho-1985.

LEYENS, Jacques-Philippe & MURIEL, Dunand. Priming Agressive Thoughts: The Effect of the Antecipation of a Violent Movie Upon the Aggressive Behaviour of the Spectators. **European Journal of Social Psychology**. V.21, issue 6, nov-dec, 1991.

LORENZ, Konrad. **On Aggression.** San Diego: Harcourt Brace Jovanovich publishers, 1974.

LORENZ, Konrad. **A Agressão.** In: Edwin Megargee & Jack E. Hokanson. A Dinâmica da Agressão. São Paulo, EPU, 1976. p. 41-48.

LORENZ, Konrad. **Os oito pecados mortais do homem civilizado.** 2a ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1991.

MARTINI, Karl. **O andebol.** Publicações Europa-América, Portugal, 1980.

MARX, Melvin H. & HILLIX, Willian A. **Sistemas e Teorias em Psicologia.** São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

MEGARGEE, Edwin I. & HOKANSON, Jack E. **A dinâmica da agressão.** São Paulo, EPU, 1976.

MEGARGEE, Edwin I. **O Papel da Inibição na Avaliação e na Compreensão da Violência.** In: Jerome L. Singer. O Controle da Agressão e Violência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

MICHAUD, Yves. **A Violência.** São Paulo: Editora Atica, 1989.

MONTAGU, Ashley. **The nature of Human Agression.** New York, Oxford university Press, 1976.

PUTY, Zinalda C. Branco; BARCELLOS, Cláudio F. & DANIEL, Eduvaldo. **Violência Urbana.** Rio de Janeiro: Editora Coderci, 1982.

RIBAS, João Francisco Magno Ribas. **Fatores Psicológicos que Interferem na Performance de Jogadores de Handebol.** Monografia apresentada ao curso de pós-graduação em Educação Física para obtenção do curso de Especialista Em Técnicas Desportivas na Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1990.

ROCA, Miguel. **Caderno Setemetros: evolução dos sitemas defensivos.** Lisboa, s/d.

ROBERTS, Glyn C. **Learning Experiences in Sport Psychology.** Champaign: Human Kinetics Publishers, 1986.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do Esporte.** Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1992.

SAMULSKI, Dietmar. Psicologia do Esporte: intervenção prática. **Revista Paulista de Educação Física.** 2(3), 35-37, 1988.

SELOSSE, Jacques. A Violência dos Espectadores nos Estádios. **Desporto e Sociedade.** Nº 119, junho/1989: 03-21.

SILVA III, John. Understanding Aggressive Behavior and Its Effects Upon Athletic performance. In: **Sport Psychology An**

Analysis of Athlete Behavior Organizado por Willian F. Strub. 2a ed. New York: Mouvement Publications, 1980.

SINGER, Jerome L. A Influencia de Violência Representada na Televisão ou no cinema sobre o Comportamento Agressivo Manifesto. In: Jerome L. Singer. O Controle da Agressão e Violência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SINGER, Jerome L. O Controle da Agressão e da Violência. São Paulo, EPU, 1975.

SMITH, Michael D. Hockey Violence: Interring Some Myths. In: Sport Psychology An Analysis of Athlete Behavior Organizado por Willian F. Strub. 2a ed. New York: Mouvement Publications, 1980.

TANDY, Ruth E. & LAFLIN, Joyce. Aggression and Sport: Two Theories. In: Psychology in Sports: Methods and Applications organizado por Richard M. Suinn. Minnesota: Burgess Publishing Company, 1980.

TERRY, Peter & JACKSON, John J. The Determinants and Control of Violence in Sport. Quest. 37: 27-37, 1985.

THOMAS, J.R. & NELSON, J.K. Introduction to research in health, Physical Education, recreation and dance. Champaign: Human Kinects, 1985.

VANDYKE, Roger R. Aggression in Sport: Its Implications for Character-Building. **Quest.** 32(2): 201-208, 1980.

VIANA, Miguel Faro. Competição, ansiedade e auto-confiança: implicações na preparação do jovem desportista para a competição. **Treino Desportivo.** No 12, junho/1989, p.25-34.

ANEXO 01 - FICHA DE OBSERVAÇÃO

FICHA DE OBSERVAÇÃO

rtida: .... X .... Data: .../.../....

1º TEMPO 2º TEMPO 1º TEMPO 2º TEMPO

CAR DO JOGO:

	CATEGORIAS DE COMPORTAMENTO AGRESSIVO						Situação da Agressividade					
	empurrar	bater	segurar	obs./perna	chutar	colidir	local da Agressiv	posição at.	de.	T.	Escore do jogo	Outras Observações
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					
							Z L					

ANEXO 02 - QUESTIONARIO DO ESTUDO PILOTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FISICA

CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FISICA

PREZADO ATLETA.

Você foi escolhido para participar de uma coleta de dados para a conclusão de uma dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida na Universdade Estadual de Campinas, Campinas -SP. O presente questionário busca levantar dados à respetio da agressividade no handebol a fim de que se identifique as principais situações que poderão favorecer este tipo de comportamento. Para isso, é necessário que as respostas sejam baseadas na sua experiência nesta modalidade esportiva. Para o presente estudo, entende-se por agressividade "todo caso de irregularidade na conduta com o adversário cuja ação visa, prioritária ou exclusivamente, ao adversário e não à bola, conforme a regra nº 8.13 " (SILVA, 1992).

Antecipadamente, agradeço a sua participação nesta pesquisa, informando-lhe que todos os resultados finais estarão à disposição na faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (SP).

Atenciosamente,

João Francisco Magno Ribas
Mestrando da FEF/UNICAMP

1) Na sua opinião, qual região da quadra você percebe que o comportamento agressivo é mais frequente? Por que?

2) Na sua opinião, em qual momento (tempo) do jogo você observa que o comportamento agressivo é mais frequente? Por que?

3) Na sua opinião, são os atacantes ou os defensores que agridem com maior frequência? Por que?

4) Na sua opinião, qual(quais) posição(posições), no ataque e/ou na defesa, favorece(m) a agressividade? Por que?

5) com relaçãO as equipes vencedoras ou perdedoras, na sua opiniãO, quem vocÊ acha que agride com maior freqüência? Por que?

6) Na sua opinião, o comportamento agressivo é mais frequente quando o escores está equilibrado ou no momento em que uma das equipes consegue obter uma grande vantagem no placar? Por que?

7) Descreva algumas formas mais frequentes de agressividade no handebol.